Adriano Mesquita Soares
(Organizador)

Teologia e Ciência:

rumo a uma visão integrada do mundo

AYA EDITORA
2023

Adriano Mesquita Soares
(Organizador)

Teologia e ciência: rumo a uma visão integrada do mundo

Ponta Grossa
2023

Direção Editorial
Prof.° Dr. Adriano Mesquita Soares
Organizador
Prof.° Dr. Adriano Mesquita Soares
Capa
AYA Editora©
Revisão
Os Autores
Executiva de Negócios
Ana Lucia Ribeiro Soares
Produção Editorial
AYA Editora©
Imagens de Capa
br.freepik.com
Área do Conhecimento
Ciências Humanas

Conselho Editorial

SUMÁRIO

05

Apresentação

Apresento-lhes a obra ***“Teologia e Ciência: rumo a uma visão integrada do mundo”***. Esta é uma tentativa única e ousada de unir dois domínios frequentemente considerados distintos: a teologia e a ciência. O leitor será guiado por uma jornada que transcende as fronteiras do divino e do empírico, do místico e do racional e do contemporâneo.

Iniciamos discutindo a liberdade religiosa no contexto brasileiro e global. O autor aborda com profundidade as implicações teológicas e científicas deste tema, desafiando-nos a compreender a complexidade da liberdade de crença num mundo cada vez mais globalizado e diversificado.

Em seguida, mergulhamos na intersecção entre o pensamento místico e o racional. Esta é uma exploração que visa a desvendar como a teologia e a ciência podem atuar juntas na compreensão da experiência humana, desafiando nossas premissas e expandindo nossos horizontes.

Avançamos para a reflexão sobre o advento das inteligências artificiais e sua origem simbólica. Aqui, a inovação tecnológica é apresentada sob a perspectiva teológica, proporcionando uma visão única sobre o encontro entre fé e tecnologia.

A discussão se volta, então, para um dos símbolos mais emblemáticos do Cristianismo: a Cruz. Uma análise aprofundada do seu significado e do seu papel na fé cristã contemporânea é apresentada, iluminando novas facetas deste símbolo tão conhecido.

Finalmente, somos confrontados com uma reflexão sobre a percepção, crença e realidade, através de uma abordagem que promete provocar um questionamento profundo sobre como vemos e interpretamos o mundo.

“Teologia e Ciência: rumo a uma visão integrada do mundo” é uma obra que expande e desafia nossos horizontes. Seja você um teólogo, um cientista, ou um amante do conhecimento, este livro iluminará seu caminho para uma compreensão mais integrada do nosso mundo.

Boa leitura!

Prof.° Dr. Adriano Mesquita Soares

Editor Chefe

Capítulo

01

A liberdade religiosa no Brasil e no mundo

Sonia Vessozi Londero

RESUMO

De modo simplificado, a liberdade religiosa é a liberdade de praticar qualquer religião, de realizar os cultos ou tradições referentes a essas crenças, de manifestar-se, em sua vida pessoal, conforme seus preceitos e poder viver de acordo com essas crenças. A liberdade religiosa está relacionada ao conceito de laicidade. É importante frisar que não é necessário que um Estado seja laico para que liberdades religiosas existam nele. Pois as pessoas devem ter o livre arbítrio para escolher entre uma e outra. O presente estudo teve como objetivo colocar em prática a importância de sabermos sobre qual o cenário da liberdade religiosa no Brasil e no mundo com os novos tipos de governos e avaliar e analisar sobre o que as pessoas acham sobre o tema e sobre o conhecimento delas sobre o mesmo. Como qualquer outra liberdade, a religiosa também não é totalmente ilimitada. Se o exercício da religião de um indivíduo implica na realização de um crime, por exemplo, o cidadão não estará livre de pena ou punição por ter agido movido por sua fé. Quando questionados se sabiam realmente sabiam o significado de liberdade religiosa, cerca de 45% dos entrevistados responderam que sim, e os outros 55% responderam que não, isso nos mostra como as pessoas ainda desconhecem sobre o tema, devido ao fato de ser pouco abordado nas mídias digitais e meios de comunicação. Como resultado, por mais nobre que sejam os seus objetivos, a religião e a crença não conseguem escapar da discriminação. Nesse sentido, a liberdade religiosa se destaca como um direito fundamental a ser protegido no mundo, visto que a sua proteção garante o respeito à dignidade humana. Essa proteção precisa ser exercida pelo Estado, por meio de legislações e políticas de promoção da diversidade religiosa, em que o poder público não deve discriminar qualquer religião e disponibilizar mecanismos de combate contra a violência religiosa.

Palavras-chave: liberdade religiosa. meios de comunicação e diversidade religiosa.

INTRODUÇÃO

De modo simplificado, a liberdade religiosa é a liberdade de praticar qualquer religião, de realizar os cultos ou tradições referentes a essas crenças, de manifestar-se, em sua vida pessoal, conforme seus preceitos e poder viver de acordo com essas crenças.

A liberdade religiosa está relacionada ao conceito de laicidade. É importante frisar que não é necessário que um Estado seja laico para que

DOI: 10.47573/aya.5379.2.235.1

liberdades religiosas existam nele. Pois as pessoas devem ter o livre arbítrio para escolher entre uma e outra. Um país pode adotar, por exemplo, uma religião oficial, mas permitir que seus cidadãos pratiquem outras religiões que não aquela. É o caso da Dinamarca e do Reino Unido, por exemplo, que possuem uma religião oficial.

Entretanto, um Estado laico, como o Brasil, ao se afirmar como tal, tem o compromisso de separar Estado e religião e de proteger a liberdade religiosa, garantindo esse direito a todos os seus cidadãos. Além disso, como Estado laico, o Brasil não deve influenciar as crenças pessoais de seus cidadãos e não deve permitir que as crenças religiosas de seus governantes tenham influência direta na formulação de suas políticas. A importância do direito à livre prática religiosa no território brasileiro pode ser vista quando reparamos no alto nível de religiosidade das pessoas. Segundo estudo de 2021 do Pew Research Center, mais de 72% da população brasileira considera a religião como "muito importante para suas vidas".

Assim, elas podem ser diferentes ou tratadas de modo distinto por cada país, conforme sua legislação. Iremos expor quais direitos relacionados às liberdades religiosas são garantidos no Brasil, em seguida. O Brasil não é considerado um país com significativas violações de liberdades religiosas em seu território, conforme relatório "Liberdade Religiosa no Mundo" de 2016, da ACN. No entanto, o país não está livre de incidentes relacionados à intolerância religiosa. Segundo relatório de 2021 da organização *Aid to the Church in Need*, a liberdade religiosa é violada em 31,6% dos países do mundo.

OBJETIVO GERAL

Colocar em prática a importância de sabermos sobre qual o cenário da liberdade religiosa no Brasil e no mundo com os novos tipos de governos.

Objetivos específicos

- Analisar o que as pessoas acham sobre a liberdade religiosa.
- Avaliar a quantidade de pessoas que realmente acham que vivem em uma liberdade religiosa.
- Analisar quais as perspectivas sobre o assunto para o futuro.

DESENVOLVIMENTO

Como qualquer outra liberdade, a religiosa também não é totalmente ilimitada. Se o exercício da religião de um indivíduo implica na realização de um crime, por exemplo, o cidadão não estará livre de pena ou punição por ter agido movido por sua fé. Assim, se uma religião hipotética prega o ódio a outras pessoas, violência, realização de sacrifícios ou qualquer outro mal a terceiros, suas possíveis ações criminosas serão julgadas e punidas. Do mesmo modo, como qualquer outra pessoa seria devidamente julgada e punida pelos mesmos crimes, independentemente de suas motivações.

É importante frisar este ponto porque, muitas vezes, grupos se utilizam da religião como desculpa para realizar certos atos violentos. Esses grupos são comumente chamados extremistas e, em geral, não refletem o comportamento majoritário das pessoas que seguem aquela religião. Assim, não se pode criminalizar o exercício de alguma religião específica, por exemplo, porque alguns de seus membros foram responsáveis por atos que trouxeram danos à sociedade e aos demais cidadãos. Pois a religião não tem nenhuma culpa pelo ato de um indivíduo, o culpado é apenas o infrator.

Pode-se dizer que a premissa de existência de uma religião está centrada no objetivo de melhorar a vida do ser humano, projetando a sua evolução espiritual com base em princípios de fraternidade que o tornariam um ser “melhor”. Contudo, as diferentes concepções e visões de mundo entre as pessoas muitas vezes geram estigmas e preconceitos.

Metodologia

Foi realizada a aplicação de um questionário nos sujeitos investigados, que englobou questionamentos relacionados à o amor dentro da religião. A partir de Ludke e André (2001), que defende que os questionários podem ser instrumentos valiosos na pesquisa qualitativa, coletou-se os dados empíricos através da aplicação de perguntas abertas e fechadas.

O modelo de questionário utilizado foi o seguinte:

1. Você sabe realmente o significado de liberdade religiosa? ( ) Sim ( ) Não.
2. Você já leu algum artigo ou livro sobre a importância da liberdade religiosa para a população? ( ) Sim ( ) Não.
3. Você acredita que futuramente possamos ser impedidos de praticar nossa religião? ( ) Sim ( ) Não.
4. Você conhece alguém que já sofreu algum tipo de ataque pela religião que pratica? ( ) Sim ( ) Não.

Apresentação da pesquisa e análise dos resultados

A parte da pesquisa foi desenvolvida com amigos do meio religioso escolhidos aleatoriamente com o link do questionário mandado via WhatsApp. O questionário foi mandado para 12 pessoas onde todas as 12 responderam todos os questionamentos. Quanto as categorias de pessoas que foram escolhidas, 3 pessoas eram padres, 6 eram leigos e 3 eram irmãs consagradas. Foram escolhidas pessoas da área do artigo para que os resultados ficassem melhor representados e para aumentar o nível de confiança da pesquisa.

Quando questionados se sabiam realmente sabiam o significado de liberdade religiosa, cerca de 45% dos entrevistados responderam que sim, e os outros 55% responderam que não, isso nos mostra como as pessoas ainda desconhecem sobre o tema, devido ao fato de ser pouco abordado nas mídias digitais e meios de comunicação, e este é um dado preocupante, pois muitas pessoas podem estar sendo impedidas de praticar sua religião e não estão conscientes disso. Quando questionados se já haviam lido algum

artigo ou livro sobre a importância da liberdade religiosa, apenas 15% dos entrevistados responderam que sim, ou seja, podemos ver que é um tema que é pouco abordado pelos meios digitais e ainda pode ser muito mais estudado, e que as pessoas que acabam o conhecendo querem saber mais e tem mais curiosidade sobre o tema.

Esse resultado nos dá uma ideia de que este não é um assunto tão abordado em livros, artigos e etc., e até mesmo pela mídia. Quando o questionamento foi se acreditavam que futuramente possamos ser impedidos de praticar nossa religião? 4 dos 12 dos entrevistados responderam que acreditavam nisso sim, e 8 dos entrevistados respondeu que não acreditava que futuramente possamos ser impedidos de praticar nossa religião Porém este é um assunto delicado de se abordar, mas que devia estar em pauta nos meios de comunicação religiosos, pois se trata de um assunto que preocupa os fiéis .

Um dos questionamentos foi se você conhece alguém que já sofreu algum tipo de ataque pela religião que pratica, e 2 dos 12 entrevistados responderam que sim, conheciam alguém, este dado é relevante e nos mostra que ainda vivemos num país com uma baixa perseguição religiosa, porém devemos tomar cuidado com um futuro não tão distante, que possa tomar essa liberdade da população.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como resultado, por mais nobre que sejam os seus objetivos, a religião e a crença não conseguem escapar da discriminação. Nesse sentido, a liberdade religiosa se destaca como um direito fundamental a ser protegido no mundo, visto que a sua proteção garante o respeito à dignidade humana.

Essa proteção precisa ser exercida pelo Estado, por meio de legislações e políticas de promoção da diversidade religiosa, em que o poder público não deve discriminar qualquer religião e disponibilizar mecanismos de combate contra a violência religiosa.

Com isso, a autonomia e a livre expressão de crença de cada indivíduo poderá ser efetivamente garantida, algo que demorou séculos para ser conquistado na humanidade. Isso porque por um longo período muitas civilizações e sociedades permitiram a perseguição religiosa.

REFERÊNCIAS

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia cientifica: ciência e conhecimento científico, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: Epu, 2001.

PEW RESEARCH CENTER. Why do levels of religious observance vary by age and country? 2018. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2018/06/13/why-do-levels-of-religious-observance-vary-by-age-and-country/pf-06-13-18_religiouscommitment-01-00/>. Acesso em: 25 de agosto de 2023.

Capítulo

02

A intersecção entre o pensamento místico e o racional: teologia e ciências na compreensão da experiência humana

Guilherme Afonso Pereira Palacios

RESUMO

Este estudo explora as interações entre dois modos distintos de pensamento humano: o pensamento místico e abstrato, e o pensamento racional e analítico. Ao considerar essas abordagens como polos opostos em um espectro de compreensão, investiga-se como contribuem para a compreensão da realidade e da natureza da experiência humana. O pensamento racional foca na compreensão das leis naturais e na busca de uma lógica para estruturar o conhecimento sobre o mundo material. Por outro lado, o pensamento místico introduz incertezas sobre esferas espirituais consideradas imateriais e transcendentes. A analogia com os extremos magnéticos de um ímã ilustra a interdependência e complementaridade dessas abordagens. No âmbito do conhecimento humano, a teologia explora o divino e a natureza da fé, enquanto as ciências investigam o mundo natural através de métodos de pesquisa rigorosos. Ambos domínios geram trabalhos acadêmicos, embora os resultados das ciências possam ser refutados por teorias ou experimentos subsequentes. A teologia, por sua vez, se fundamenta em doutrinas religiosas e ideológicas, buscando compreender os mistérios de Deus e muitas vezes adotando uma postura proselitista. A análise interdisciplinar entre Teologia e Ciências pode inicialmente gerar contradições ao tentar entender a interação entre matéria e imaterial, destacando a complexidade da condição humana imersa em diversas realidades histórico-culturais.

Palavras-chave: teologia comparada. teologia mística. pensamentos.

ABSTRACT

This study explores the interactions between two distinct modes of human thought: mystical and abstract thinking, and rational and analytical thinking. By considering these approaches as opposite poles on a spectrum of understanding, it investigates how they contribute to the comprehension of reality and the nature of human experience. Rational thinking focuses on understanding natural laws and seeks a logic to structure knowledge about the material world. On the other hand, mystical thinking introduces uncertainties about spiritual realms considered immaterial and transcendent.

DOI: 10.47573/aya.5379.2.235.2

The analogy with the magnetic extremes of a magnet illustrates the interdependence and complementarity of these approaches. In the realm of human knowledge, theology explores the divine and the nature of faith, while the sciences investigate the natural world through rigorous research methods. Both domains generate academic work, although scientific results may be refuted by subsequent theories or experiments. Theology, in turn, is grounded in religious doctrines and ideologies, seeking to understand the mysteries of God and often adopting a proselytizing stance. The interdisciplinary analysis between Theology and Sciences may initially yield contradictions when attempting to comprehend the interaction between the material and the immaterial, highlighting the complexity of the human condition immersed in various historical-cultural realities.

Keywords: comparative theology. mystic theology. thoughts.

INTRODUÇÃO

Este estudo examina as interações entre duas formas distintas de pensamento humano: o pensamento místico e abstrato e o pensamento racional e analítico. Ao considerar essas abordagens como dois polos de um espectro de compreensão, investigaremos suas contribuições para o entendimento da realidade e da natureza da experiência humana.

Enquanto, o pensamento racional se concentra na apreensão das leis e na busca de uma lógica capaz de representar e estruturar o conhecimento sobre os fenômenos naturais que governam o mundo material, o pensamento místico insere incertezas sobre as esferas espirituais consideradas imateriais, transcendentes e que ultrapassam os limites da razão. Podemos considerar que a analogia com os extremos magnéticos de um ímã ilustra a interdependência e complementaridade dessas abordagens, proporcionando um panorama mais abrangente do conhecimento e da sabedoria humana.

No panorama do conhecimento humano, dois domínios de investigação destacam-se de maneira proeminente: a teologia e as ciências. Enquanto a teologia busca desvendar as complexidades do divino e a natureza da fé, as ciências dedicam-se à exploração sistematizada por meio de métodos rigorosos de pesquisa para compreender o mundo natural partindo de observações e de experimentos capazes de confirmar ou contradizer uma teoria e seu objeto de estudo.

Assim, surgem diversos grupos de trabalhos acadêmicos que buscam respostas para solucionar problemas ou conjecturar explicações em modelos científicos, embora nem sempre um modelo científico seja de caráter definitivo, poderá haver outras teorias ou experimentos que refutam esses modelos e seus resultados não serão aceitos apesar de serem apresentados inicialmente de forma clara e objetiva.

Na área da Teologia, há um campo científico que busca uma racionalidade para explicar os eventos que muitas vezes são únicos e exclusivos, não ocorrendo a possibilidade de uma reprodução de resultados.

Embora o campo teológico adote uma metodologia de produção de conhecimento que se assemelha à científica, ele está fundamentado em matrizes doutrinárias e ideológicas

que o definem como um promotor de saberes centrados em si, visando compartilhar experiências de maneira direcionada com o propósito primordial de desvendar os mistérios de Deus em relação ao propósito da existência humana, de acordo com seus dogmas religiosos se constrói a sua idiossincrasia, muitas vezes assumindo uma postura proselitista, uma atitude de tentar converter ou persuadir outras pessoas a adotarem essas mesmas crenças.

A análise interdisciplinar entre a Teologia e as Ciências, ao buscar explicar a natureza humana, pode inicialmente provocar contradições ao tentar aprofundar a compreensão das interações entre a matéria e o imaterial. Isso também evidencia pontos de convergência e divergência que desafiam a compreensão do propósito da vida e da condição humana, a qual está imersa em múltiplas realidades, moldadas pela complexidade histórico-cultural.

AS TEOLOGIAS

> Neste ponto de nossas reflexões, podemos perceber que a teologia não é nada fácil e que se trata de uma ciência interdisciplinar. Isso significa que, inevitavelmente, ela dialoga com outras disciplinas e formas de conhecimento, como a filosofia, a psicologia, a sociologia, as ciências da comunicação, etc. (ROLDÁN, 2007, p. 54).

A Teologia é uma disciplina que estuda questões relacionadas à divindade, fé e religião como manifestação da criação de Deus. Existem várias abordagens metodológicas que os teólogos podem adotar ao investigar e refletir sobre esses temas. Apresentamos algumas teologias para ilustrar a diversidade de perspectivas dentro desse vasto campo complexo, cada uma dessas abordagens traz uma perspectiva única sobre a relação entre o divino e o humano, enriquecendo o panorama teológico e contribuindo para um entendimento racional e profundo das dimensões espirituais e religiosas como bases da existência humana.

Teologia Sistemática

A Teologia Sistemática busca fornecer uma compreensão abrangente e coerente da fé, muitas vezes com o objetivo de apresentar um sistema de crenças que seja lógico e consistente. Ela se baseia na pressuposição de que as várias crenças e doutrinas de uma tradição religiosa formam um todo interconectado, e que é possível compreendê-las de forma mais profunda quando organizadas de maneira estruturada.

A obra de *Wolfgang Pannenberg,* um influente teólogo alemão, dedicou uma parte significativa de sua vida ao desenvolvimento da pesquisa em teologia e filosofia para objetivar a sua Teologia Sistemática. Em sua abordagem teórica, essa área se cristalizou a partir da obra intitulada *"Systematische Theologie"* (Teologia Sistemática), que consiste em uma série de três volumes reunindo sua produção acadêmica como uma teologia, resultado de um exercício acadêmico que dialoga ecumenicamente a doutrina cristã. Na obra de Pannenberg a escolástica está presente e abrange a incorporação de outros autores de suporte epistemológico para a teologia cristã, "um cristianismo autêntico e bem fundamentado, consistente e plausível de ser apresentado à sociedade secularizada do mundo atual". (PINAS, 2012, p.30). Ao abordar questões fundamentais relacionadas à fé, incluindo temas como a Teologia Trinitária, Cristologia, Pneumatologia, Soteriologia e Escatologia, entre outros.

O primeiro volume, *"An Introduction to the Christian Faith"* (Uma Introdução à Fé Cristã), estabelece as bases conceituais e os pressupostos que servem de fundamentação para toda a sua abordagem teológica. Em seguida, o segundo volume, *"Existence and the Christ"* (Existência e o Cristo), explora a relação entre a fé cristã e a realidade do mundo, com o foco especial na Cristologia. Por fim, o terceiro volume, *"Anthropology and the Doctrine of Creation"* (Antropologia e a Doutrina da Criação), aborda questões relacionadas à antropologia cristã e à doutrina da criação.

> Será que o Deus eterno e todo-poderoso, admitindo que ele exista, é realmente "misericordioso e clemente, paciente e de grande bondade"? Será que o Deus do amor é realmente todo-poderoso, presente que compreende a tudo, eterno, e, portanto, verdadeiramente Deus?
>
> Essa pergunta pode ser entendida de tal modo que se pergunta pela comprovação da deidade do Deus do amor na realidade do mundo. Compreendendo-a de modo abrangente, essa pergunta se dirige à experiência da própria realidade do mundo no processo de sua história. Num sentido mais restrito, referente à reflexão sobre a relação entre realidade do mundo e pregação religiosa de Deus, trata-se da pergunta se a realidade do mundo, tal qual ela é, é ao menos concebível como criação do Deus da Bíblia. Com essa pergunta deverão ocupar-se ainda todos os capítulos da Teologia Sistemática que ainda haverão de seguir, primeiramente a doutrina da criação e a antropologia, mas também a cristologia, a eclesiologia e a escatologia, porque haverá de se mostrar que mundo e ser humano, tal qual são, ainda não correspondem plenamente à vontade amorosa do Criador, necessitando da reconciliação e da perfeição. (PANNENBERG, 2009a, p.593).

Em sua obra de livros o autor sistematicamente constrói a representação o ápice da contribuição de Pannenberg para a teologia sistemática, fornecendo uma estrutura abrangente para compreender a fé cristã. Assim como na metodologia científica, em que a investigação e o estudo de fenômenos são conduzidos com rigor e sequência lógica, na Teologia Sistemática, a abordagem é semelhante. A doutrina cristã sobre a criação e a antropologia correspondem à fase inicial da pesquisa, onde se estabelecem os fundamentos e se analisam os elementos interdisciplinares. Pannenberg produz a sua obra da mesma forma que se produz um conhecimento científico racional como nas ciências, a teologia avança para tópicos mais específicos, estruturando-se sistematicamente em sua elaboração teológica. Que muito se assemelha à análise detalhada de um fenômeno singular em um contexto científico. Dessa forma, a Teologia Sistemática utiliza a metodologia científica, em busca de se alcançar um entendimento mais profundo e abrangente sobre a existência e o propósito do ser humano no contexto da vontade amorosa do Criador, almejando a reconciliação e a perfeição para estar ao seu lado.

Essa abordagem permite aos teólogos explorar como as diversas doutrinas influenciam e complementam umas às outras. Ao examinarmos as escrituras do Novo Testamento em busca de uma confirmação da Aliança com Deus, podemos começar pelo Antigo Testamento para verificar que este conjunto de evidências remonta ao propósito original da obra de Deus na criação. Dessa maneira, torna-se possível compreender a onipotência da visão de Deus, o Criador onisciente da natureza do universo e do propósito da existência humana.

Adicionalmente, a Teologia Sistemática frequentemente se empenha em lidar com questões que possam apresentar aparentes contradições ou tensões dentro das crenças de uma tradição religiosa. Através da análise e organização sistemática, os teólogos procuram

conciliar diferentes ensinamentos e doutrinas, visando alcançar uma compreensão mais coesa e integrada da fé.

Em uma tradição cristã, a Teologia Sistemática pode abordar como reconciliar a crença na Onipotência e bondade de Deus com a existência do mal e do sofrimento no mundo.

No entanto, é importante notar que a Teologia Sistemática também tem sido objeto de críticas, especialmente por aqueles que argumentam que pode simplificar ou reduzir a complexidade e a riqueza das tradições religiosas corre-se o risco de definir Deus em doutrinas rígidas de entendimento e limitar a sua Onipotência, Onipresença e Onisciência. Portanto, os teólogos que adotam essa abordagem devem fazê-lo com sensibilidade e reconhecer as limitações e desafios inerentes a esta abordagem teológica.

Teólogos da idade média

No século XIII, Tomás Aquino, um teólogo medieval, produziu a Suma Teológica, uma obra seminal na tradição da teologia católica, contribuindo significativamente para o pensamento teológico da época. Em seguida, no século XVI, João Calvino desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da teologia reformada, enfatizando a soberania de Deus na salvação.

Teólogos modernos

Avançando para o século XIX, Karl Barth, um proeminente teólogo suíço, emergiu como uma figura central ao enfatizar a soberania de Deus e a revelação divina como fundamentos da teologia. No século XX, Paul Tillich trouxe uma perspectiva inovadora ao defender uma abordagem correlacional entre fé e cultura, explorando como a fé se relaciona com as questões contemporâneas. Wolfhart Pannenberg, também no século XX, ganhou destaque ao integrar a teologia com o pensamento moderno, especialmente com a filosofia da história e a ciência.

Teólogos do diálogo e esperança

Karl Rahner, contemporâneo de Pannenberg, abordou questões cruciais envolvendo fé e cultura, e propôs a provocante ideia do “anônimo cristão”, sugerindo que pessoas de outras religiões podem, de alguma forma, fazer parte do plano de salvação de Deus. Hans Küng concentrou-se no diálogo inter-religioso e na relação entre a fé cristã e outras tradições religiosas, enquanto Jürgen Moltmann, também no século XX, explorou temas vitais como esperança, escatologia e teologia da criação.

Cada um desses teólogos deixou uma marca significativa na história da teologia, contribuindo de maneiras distintas e significativas para o campo teológico.

A teologia bíblica

> A teologia bíblica busca expor o conteúdo da revelação de Deus em seu desenvolvimento histórico. Ela atribui uma importância crucial ao trabalho exegético, pois serve como uma espécie de elo entre a exegese e a teologia sistemática. (ROLDÁN, 2007, p. 53).

A Teologia Bíblica tem uma abordagem central para a compreensão aprofundada da fé, especialmente nas escrituras sagradas como a Bíblia no Cristianismo. Essa perspectiva se dedica à interpretação crítica dos textos, visando alcançar uma compreensão mais nítida das mensagens religiosas e da revelação divina neles contidas.

A metodologia da Teologia Bíblica abarca dois componentes cruciais: a exegese e a hermenêutica.

A exegese é o minucioso e crítico processo de interpretação dos textos sagrados. Esse procedimento abrange a avaliação gramatical, histórica, cultural e literária dos textos, com o propósito de discernir o significado original que os autores pretendiam transmitir. Além disso, a exegese leva em conta o contexto histórico no qual o texto foi inicialmente escrito, assim como para quem será direcionado e quais as práticas culturais daquela época.

O segundo componente é a hermenêutica, que se concentra na habilidade de interpretar os princípios de interpretação em si. Busca aplicar de forma responsável e precisa os métodos de exegese. Além disso, a hermenêutica lida com questões relacionadas há como os textos podem ser relevantes e aplicáveis para as pessoas e comunidades contemporâneas.

Esses dois aspectos trabalham em conjunto para proporcionar uma compreensão mais profunda dos textos sagrados e como eles se relacionam com a fé e a prática religiosa. A Teologia Bíblica também pode ser enriquecida por outras disciplinas, como a história, a arqueologia e a crítica literária, que fornecem contextos adicionais para a interpretação dos textos.

> A teologia bíblica está interessada nos atos salvadores de Deus e em sua palavra à medida que ocorrem na história do povo de Deus. Ela segue o progresso da revelação desde a primeira palavra de Deus ao homem até a revelação da glória plena de Cristo. Examina os vários estágios da história bíblica e a relação deles entre si. Com isso, a teologia bíblica provê a base para entendermos como os textos de uma parte da Bíblia se relacionam com todos os outros textos dela. A interpretação correta da Bíblia se assenta nas descobertas da teologia bíblica. (GOLDSWORTHY, 2018, p.32).

No entanto, é crucial lembrar que a Teologia Bíblica pode ser uma área complexa e desafiadora, dado que envolve o estudo de textos antigos, muitas vezes em línguas diferentes das atuais. Além disso, as interpretações podem variar entre diferentes tradições religiosas e grupos teológicos. Portanto, essa abordagem requer estudos em diversos saberes para que haja um estudo aprofundado em diversas perspectivas para a interpretação dos textos sagrados.

A teologia histórica

A Teologia Histórica busca entender as origens e a evolução das crenças e práticas religiosas ao longo do tempo, oferecendo valiosos *insights* sobre como a fé e a teologia foram influenciadas por fatores históricos, culturais e sociais. Sua metodologia compreende diversas práticas e técnicas.

Primeiramente, envolve a análise crítica de textos e documentos antigos, que vai além dos textos sagrados, abrangendo também escritos de teólogos, líderes religiosos e pensadores que influenciaram as crenças e práticas ao longo dos séculos. Além disso,

o estudo minucioso de concílios e sínodos eclesiásticos é crucial, uma vez que esses eventos muitas vezes desempenharam papel fundamental na formulação de doutrinas e na resolução de controvérsias teológicas.

A contextualização histórica é outro aspecto essencial, pois compreender o contexto em que determinadas doutrinas e práticas religiosas surgiram é fundamental. Isso inclui a consideração de eventos políticos, movimentos culturais e mudanças sociais que influenciaram o pensamento religioso.

> A teologia histórica é o ramo da teologia que busca investigar as circunstâncias históricas em que as ideias se desenvolveram ou foram especificamente formuladas. Seu objetivo é desvendar a ligação que há entre contexto e teologia. Ela demonstra, por exemplo, que não foi por acaso que a doutrina da justificação pela fé tivesse, pela primeira vez, adquirido uma importância fundamental ao final do Renascimento. Também demonstra, por exemplo, como o conceito de salvação, encontrado na teologia latino-americana da libertação, está intimamente relacionado ao contexto socioeconômico da região. Esclarece a forma como as tendências culturais seculares - como o liberalismo e o tradicionalismo - encontram seus equivalentes na área da teologia.
>
> Dizer que o cristianismo normalmente absorve, de forma inconsciente, ideias e valores pertencentes a seu contexto cultural parece ser algo bastante óbvio. Contudo, essa observação é tremendamente importante. Aponta para o fato de que existe, na teologia, um elemento transitório ou condicional que não é necessário, nem inerente a seus fundamentos. Em outras palavras, certas ideias que normalmente foram tidas como cristãs, podem acabar se revelando meras ideias importadas de um contexto secular. Um exemplo clássico é o conceito da impassibilidade de Deus - isto é, a ideia de que Deus não é capaz de sofrer. Essa era uma ideia sólida nos círculos filosóficos gregos. Os primeiros teólogos cristãos, ansiosos por conquistar respeito e credibilidade nesses círculos, não a contestaram. Como resultado disso, essa noção tornou-se profundamente arraigada na tradição teológica cristã. (MCGRATH, 2005, p. 183).

É crucial notar que o cristianismo muitas vezes absorve, de forma inconsciente, ideias e valores do contexto cultural ao seu redor. Esta observação ressalta que na teologia há elementos transitórios ou condicionais que não são fundamentais ou inerentes à sua base e há uma universalidade cristã de complementaridade e não de uma refutação. “A teologia cristã considera-se universal, quanto ao que se refere a seu interesse pela aplicação da ação redentora de Deus a todos os períodos da história”. (MCGRATH, 2005, p. 182).

A Teologia Histórica também se dedica ao estudo das vidas e dos escritos de figuras-chave na história da religião, como líderes religiosos, teólogos e pensadores cujas contribuições impactam na sociedade. Adicionalmente, a investigação das controvérsias teológicas e das heresias ao longo da história gera discussões e desentendimentos que influenciam a teologia confessional de certas tradições religiosas, as quais, por sua vez, podem ter dificuldade em justificar suas práticas de discriminação contra grupos minoritários ou não-cristãos.

Essa perspectiva facilita uma compreensão mais aprofundada das modificações e evoluções que as tradições religiosas atravessaram ao longo do tempo. Isso engloba a forma como as convicções foram reexaminadas e adaptadas em face de novos cenários e desafios. Ao se envolver com a Teologia Histórica, os teólogos estão habilitados a contextualizar a fé em sua época e a perceber como ela continua a se desenvolver e a interagir com o mundo que a cerca a partir da contextualização da narrativa bíblica, como o ambiente histórico, cultural, social e geográfico em que os eventos ocorreram.

A teologia prática

A Teologia Prática, como campo de prática religiosa, está intrinsecamente ligada a um processo de autocriticismo disciplinado que abrange não apenas a conduta individual, mas também as ações da comunidade eclesiástica. Outro aspecto importante, ela se relaciona à crítica disciplinada das diversas culturas que a Igreja encontra inserida socialmente e culturalmente. Neste processo sociocultural não se limita a uma avaliação unilateral, mas procura instaurar um diálogo dinâmico entre a instituição eclesiástica e as culturas circundantes a qual pertence (FARRIS, 2010, p.66).

O objetivo de conduzir dentro da igreja este diálogo interdisciplinar e de submeter tanto as indagações quanto às soluções propostas pela Igreja e culturas a uma prática teológica dinâmica com os principais eventos do momento. Esta prática tem sido recorrente e orientada pela intenção de moldar nos fiéis a “Mente de Cristo” e, consequentemente, promover uma transformação na estrutura sociocultural em direção às “Boas Novas do Evangelho” na sociedade. Importante ressaltar que esta “formação ou atualização da visão cristã do mundo” não implica, de forma tradicional, uma conversão global ao Cristianismo. Dentro do contexto da comunidade cristã, esse processo denota a interpretação e difusão do Evangelho como “Verdade” contida nos textos cristãos, adaptando-a à realidade cultural e expondo como essas verdades podem ser refletidas em ações concretas. Tal ação teológica implica, portanto, em uma comunicação que abordem as questões e soluções propostas pela Igreja de maneira a desafiar os paradigmas culturais vigentes. Estas dinâmicas estão influenciadas pela realidade do mundo concreto. Assim, em lugar de uma definição exata e sintética, a Teologia Prática é mais bem compreendida quando se delineiam seus objetivos fundamentais, dentre os quais se destaca a orientação da vida eclesiástica (FARRIS, 2010, p.66-67).

A reflexão teológica, em sua essência, deve direcionar seu olhar para as experiências e ações tangíveis da vida cotidiana. Sua finalidade primordial é proporcionar uma compreensão mais profunda das experiências vivenciadas e orientar as ações decorrentes delas. Além disso, os modelos teológicos devem ser moldados e influenciados pelas experiências e ações concretas, tornando-os pertinentes e aplicáveis no contexto real.

Esses objetivos e conceitos não permanecem abstratos ou meramente teóricos, mas se desdobram no mundo concreto e espiritual em que estamos inseridos. A reflexão teológica, ao se ancorar na experiência palpável e na ação, adquire a capacidade de impactar diretamente a maneira como vivemos e compreendemos nossa fé no mundo espiritual. Portanto, a teologia em sua prática se torna um hábito devocional não se distanciando da realidade, mas uma postura de ação na sociedade que tem o poder de influenciar positivamente outros ao nosso redor a partir da nossa jornada espiritual neste mundo tangível.

A metodologia da Teologia Prática engloba diversas abordagens e atividades. Uma delas é o Aconselhamento Pastoral, no qual os teólogos são instruídos e orientados a oferecer suporte e orientação espiritual aos indivíduos e grupos que enfrentam desafios emocionais, éticos e espirituais. Outra vertente de atuação dos teólogos diz respeito à

Formação Espiritual, que visa desenvolver a espiritualidade e a vida em Cristo por meio da oração, proporcionando práticas e recursos para uma vida espiritual mais profunda e significativa.

A Liturgia e o Culto também são áreas de atuação, envolvendo a concepção e condução de rituais, cerimônias e celebrações religiosas, com o objetivo de proporcionar experiências de adoração e comunhão significativas. A Missiologia concentra-se na teoria e prática da missão, incluindo o desenvolvimento de estratégias para o engajamento comunitário e evangelismo, tanto dentro quanto fora das congregações religiosas.

A Educação Religiosa é outra esfera em que os teólogos práticos desempenham um papel significativo, participando na elaboração de programas de ensino e formação religiosa para crianças, jovens e adultos, com o objetivo de promover o entendimento e a prática da fé. Além disso, a ética aplicada na Teologia Prática aborda questões morais e éticas contemporâneas, fornecendo orientação sobre como aplicar os princípios teológicos em situações do mundo real.

Por fim, a abordagem de Engajamento Social e Justiça envolve trabalhar para a transformação social, buscando justiça e equidade para aqueles em situações de vulnerabilidade e marginalização. A Teologia Prática é uma disciplina altamente interdisciplinar, frequentemente colaborando com outros profissionais como psicólogos, assistentes sociais e educadores. Sua orientação prática visa capacitar as pessoas a viverem suas crenças de maneira autêntica e compassiva em suas vidas diárias e em suas comunidades religiosas.

Teologia moral

A Teologia Moral, também conhecida como Ética cristã na tradição protestante, representa a disciplina teológica que se ocupa da vida e das ações cristãs. Esta área do conhecimento aborda tanto a prática moral associada ao sacramento da penitência quanto a abordagem mais teórico-acadêmica presente no meio universitário. Essa tensão entre a prática moral e a reflexão teórica persiste na teologia moral contemporânea. Enquanto a teologia moral se dedica à reflexão teórico-cristã sobre a moral, a moral em si diz respeito ao modo de agir no cotidiano. Dessa forma, uma máxima teórico-abstrata por si só não possui o poder de guiar a ação no contexto prático da vida diária (FRECHEIRAS, 2022, p.97).

A história da teologia moral está entrelaçada com a existência dos chamados “manuais”, cuja origem remonta ao século XVI, no contexto do Concílio de Trento. Estes manuais foram uma resposta à Reforma protestante, representando uma tentativa de Contrarreforma dentro da Igreja Católica. O Concílio de Trento reconheceu duas características fundamentais da teologia moral católica: a mediação divina sobre o humano e a resposta humana ao dom de Deus, expressa na contrição e confissão dos pecados. Inicialmente, Trento abordou o sacramento da penitência de forma jurídica, com o padre atuando como juiz para determinar a concessão ou negação da absolvição. Segundo, exerceu uma influência significativa na formação de futuros padres, estabelecendo seminários para treiná-los em relação ao seu papel e missão específicos no contexto do sacramento da penitência (FRECHEIRAS, 2022, p.98).

A metodologia da Teologia Moral engloba diversas abordagens e técnicas que contribuem para a compreensão e aplicação dos preceitos éticos. Inicialmente, destaca-se a análise minuciosa de Textos Sagrados como ponto de partida. A Teologia Moral frequentemente começa com uma exploração detalhada dos textos sagrados associados a uma determinada fé, envolvendo a interpretação de passagens que oferecem orientações morais e éticas, constituindo assim uma base sólida para a reflexão ética.

Além das Escrituras, a Teologia Moral se apoia em uma análise aprofundada de teorias éticas, como o utilitarismo, deontologia e ética da virtude. Esse enfoque visa ampliar a compreensão das implicações morais e éticas em diversas situações e contextos.

A Ética Aplicada também desempenha um papel crucial. A Teologia Moral se envolve em questões éticas contemporâneas, oferecendo perspectivas embasadas em princípios religiosos e filosofia moral. Isso inclui abordar dilemas complexos como eutanásia, aborto, justiça social, direitos humanos e outros temas de relevância premente na sociedade contemporânea.

A Teologia Moral se beneficia do diálogo interdisciplinar ao colaborar com filósofos, psicólogos, juristas e profissionais de saúde em discussões sobre ética em áreas como medicina, política e justiça. Esta prática enriquece a compreensão ética ao incorporar diversas perspectivas. Além disso, a dimensão coletiva da ética visa abordar questões que refletem em reflexão Ética na comunidade, ao promover discussões sobre os valores que guiam a comunidade de fé em suas decisões conjuntas, reforçando a importância do discernimento ético como um esforço coletivo de encontrar respostas éticas.

> A ética do discurso se caracteriza como uma posição filosófica que lança mão de um procedimento argumentativo, também caracterizado como discurso, a fim de solucionar problemas, dilemas ou conflitos morais na atual sociedade complexa, globalizada e multicultural. Ela somente entra em ação, por assim dizer, quando há conflitos reais sobre normas. Mas não tem como objetivo a criação de princípios éticos ou normas morais. Ela apenas estabelece como critério um princípio discursivo ou princípio D.
>
> De outro lado, ela introduz uma distinção rígida entre ética e moral. Segundo esta linha de pensamento, as questões éticas têm de ser entendidas no sentido da ética de Aristóteles, isto é, enquanto questões referentes à felicidade e às preferências valorativas de uma pessoa ou de um grupo.
>
> Ao passo que as questões morais envolvem o dever de respeitar a todos os seres humanos sem exceção. (SIEBENEICHLER,2018, p.70).

Por fim, a Ética do Discurso enfatiza o diálogo ético e a resolução construtiva de conflitos morais através de princípios de comunicação e argumentação ética. Essa abordagem oferece um método estruturado para lidar com dilemas éticos de maneira colaborativa e construtiva. Dessa forma, a Teologia Moral não apenas fornece uma base ética sólida alinhada com os valores de uma tradição religiosa, mas também enfrenta os desafios éticos contemporâneos, adaptando e aplicando princípios éticos em situações complexas e em constante evolução.

A teologia da prosperidade

> A Teologia da Prosperidade está, portanto, intimamente relacionada com o sistema econômico neoliberal. Às práticas religiosas de parcela considerável da população

> são acopladas (ou incentivadas) práticas socioeconômicas, em consonância com a lógica do neoliberalismo. Tal aglutinação possui embasamento religioso que, indiretamente, contribui para a associação entre consumo e salvação, e entre capitalismo e Reino de Deus. (RIBEIRO, 2007, p. 56).

A Teologia da Prosperidade é uma corrente teológica que surgiu no século XX, principalmente nos Estados Unidos, e ganhou seguidores em diversas partes do mundo. Essa doutrina prega a crença de que Deus deseja que seus seguidores desfrutem de prosperidade material e sucesso financeiro como um sinal de sua bênção e favor divino. Defende a ideia de que a fé, aliada à generosidade financeira para com a igreja, pode resultar em uma vida de abundância e prosperidade. No entanto, a Teologia da Prosperidade tem sido objeto de críticas e debates intensos, com muitos questionando sua interpretação das escrituras e seu foco excessivo no sucesso material em detrimento de aspectos espirituais e éticos da fé cristã. Enquanto alguns a veem como uma fonte de encorajamento e motivação, outros a consideram simplista e potencialmente prejudicial, especialmente quando associada a manipulações financeiras por parte de líderes religiosos.

A teologia mística

> O PODER DE EXPULSAR ESPÍRITOS MAUS. Embora por muitos anos verdades profundas tenham me sido reveladas, e Deus tenha manifestado Seu poder por meu intermédio de maneira extraordinária, meu estado tem sido invariavelmente o de uma criança, de simplicidade e candura. A graça de Deus me tornou igualmente disposta a permanecer oculta ou a executar Sua vontade de maneira mais pública. Durante sete anos, sem que eu soubesse como isso acontecia, assim que me aproximava de algumas pessoas possuídas por demônios, os espíritos malignos se afastavam. Percebi simplesmente um desejo de aliviá-las, e esse desejo, ou oração, foi respondido de uma maneira desconhecida para mim. De mim mesma, não tenho bondade nem poder algum. Possuo apenas a capacidade de uma criança - de me deixar ser usada por Deus, conforme Lhe apraz. Minha vida parece natural. Estou cercada de enfermidades. Minha saúde está grandemente comprometida. Minhas fraquezas são um contrapeso, um equilíbrio à exaltação. Ainda assim, a vida flui incessantemente, sem qualquer consideração pelos meios de sustentá-la, assim como vivemos no ar, sem pensar no ar que respiramos. (GUYON, 2009, n.p.).

Madame Guyon, ou Jeanne-Marie Bouvier de la Motte-Guyon, foi uma escritora e mística francesa nascida em 1648 e falecida em 1717. Ela é renomada por suas contribuições à espiritualidade cristã, principalmente na tradição da contemplação e do misticismo. Madame Guyon enfatizava a busca por uma união direta e íntima com Deus por meio da oração silenciosa e contemplativa. Ela defendia a completa entrega à vontade divina, permitindo que Deus guiasse todos os aspectos de sua vida.

As ideias e ensinamentos de Madame Guyon causaram controvérsia na sua época, levando-a a enfrentar oposição de algumas autoridades eclesiásticas. Em 1695, foi presa pela Inquisição e passou vários anos em detenção. No entanto, suas obras escritas continuaram a influenciar muitos cristãos ao redor do mundo. Ela é mais conhecida por obras como “O Método da Oração” e “Experiência Noturna na Cristandade”, onde compartilha suas reflexões sobre a vida espiritual e a busca pela união com Deus. Suas escritas têm sido valorizadas por aqueles interessados na espiritualidade cristã e no misticismo ao longo dos séculos.

O Quietismo foi um movimento espiritual e contemplativo que surgiu no século XVII, principalmente na França e na Espanha. Foi influenciado por figuras como Miguel de Molinos e, posteriormente, por Madame Guyon. O termo “quietismo” deriva de “quietud”

em espanhol, que significa quietude ou calma. A principal ênfase do quietismo era a busca por uma união direta e íntima com Deus através da oração silenciosa e contemplativa, sem a necessidade de intermediários eclesiásticos ou práticas rituais elaboradas. Algumas correntes do movimento foram consideradas heterodoxas, especialmente quando pareciam negar a importância dos sacramentos e das práticas tradicionais da Igreja. Como resultado, o quietismo foi condenado como herético pela Igreja Católica em diversos momentos.

> Os termos modernos "espiritualidade" e "misticismo" remontam ambos à França do século XVII, de forma mais específica aos círculos um tanto elitistas da alta sociedade ligada à figura de Madame de Guyon. As expressões francesas spiritualité e mysticisme eram ambas usadas em relação ao imediato conhecimento interior do divino ou do sobrenatural, sendo aparentemente tratadas quase como sinônimas na época. Desde esse período, ambos os termos foram resgatados e postos novamente em uso, embora alterações em suas associações tenham levado a um certo grau de confusão quanto ao significado preciso, havendo alguns escritores sugerido que ambos eram apenas maneiras diferentes de falar sobre um relacionamento pessoal autêntico com Deus, ao passo que outros sugeriram que o misticismo deve ser entendido como um tipo especial de espiritualidade, que enfatiza particularmente o aspecto de uma experiência pessoal, direta e imediata com Deus. Muitos escritores atuais têm evitado o uso do termo "misticismo", por acreditar que tenha se tornado um termo confuso e de pouco utilidade. Portanto, preferiu-se o termo "espiritualidade" dentre muitos outros que são encontrados nos documentos mais antigos, entre os quais se incluem os termos "teologia mística", "teologia espiritual" e "misticismo." (MCGRATH, 2005, p. 185).

A teologia pode ser brevemente definida como a ciência que lida, de acordo com o método científico, com os fatos e fenômenos da religião, e culmina em uma síntese abrangente ou filosófica da religião, que procura expor, de modo sistemático, tudo o que pode ser conhecido em relação à base objetiva da crença da religião. Se as palavras "ciência" e "método científico" devem ser entendidas em seu sentido mais estrito, esta definição reforça uma abordagem fenomenológica, ou seja, uma abordagem que admite, como o conteúdo da teologia, somente aquilo que aparece sob alguma forma ou modo material (PFEIFFER, 2006, p.1910-1911).

Além disso, é importante destacar a distinção entre a teologia mística e outras formas de teologia. Enquanto a teologia convencional muitas vezes se baseia em estudos textuais e interpretações doutrinárias, a teologia mística busca uma experiência direta e íntima com o divino. Ela valoriza a contemplação, a meditação e a união espiritual como meios de compreender a natureza de Deus. Essa abordagem difere significativamente das formas mais tradicionais de teologia, proporcionando uma perspectiva única e profunda sobre a fé e a espiritualidade.

Essa abordagem, que enfatiza a observação e análise dos aspectos tangíveis da religião, ressoa com o pensamento racional e analítico, buscando compreender os fenômenos religiosos a partir de uma perspectiva empiricamente verificável. No entanto, é importante notar que essa definição pode também parecer desconsiderar o pensamento místico, que muitas vezes transcende os limites do material e se baseia em experiências espirituais profundas e transcendentais. Portanto, enquanto a definição da teologia abraça uma abordagem racional e científica, ela pode não abarcar plenamente a riqueza do pensamento místico e das experiências espirituais que são fundamentais para muitas tradições religiosas.

O pensamento místico, com suas raízes na espiritualidade e na busca pela transcendência, muitas vezes parece divergir do desvelo científico, que se baseia na observação empírica e na formulação de teorias que podem ou não ser testáveis. No entanto, a filosofia socrática nos ensina que essas abordagens não são mutuamente exclusivas. Podemos encontrar um espaço para a reflexão espiritual e para a exploração do desconhecido dentro do contexto rigoroso e analítico da ciência.

Nesse sentido, o desvelar científico contemporâneo pode se beneficiar ao promover um diálogo construtivo entre o pensamento místico e o científico. Ao invés de encarar essas perspectivas como antagonistas, podemos enxergá-las como complementares, oferecendo diferentes formas de abordar questões complexas e desafiadoras.

Essa abertura à interseção entre o pensamento místico e científico tem o potencial de enriquecer a formação dos estudantes, estimulando a criatividade, a intuição e a apreciação pela complexidade do universo. Ao invés de limitar-se a uma visão unidimensional do conhecimento, os estudantes são encorajados a explorar as diversas dimensões do saber, cultivando uma compreensão mais abrangente e holística do mundo que nos cerca.

As ciências acadêmicas convencionais incluem disciplinas empíricas, experimentais e pragmáticas. As empíricas usam observações e dados para entender fenômenos naturais, como biologia e psicologia. As experimentais realizam experimentos controlados para testar teorias, como física e química. As pragmáticas focam na aplicação prática do conhecimento para resolver problemas reais, como engenharia e administração.

A investigação da interação entre o pensamento místico e o pensamento científico se configura como um desafio substancial para a pesquisa acadêmica. Este empreendimento nos instiga a transcender as fronteiras das ciências tradicionais, que se baseiam em métodos empíricos, experimentais e pragmáticos. No entanto, como evidenciamos, a influência da autoridade religiosa permeia os processos decisórios quando participam do poder político e econômico, e os interesses específicos de grupos religiosos acabam por prevalecer como critério supremo de uma autoridade de Deus, sobrepondo-se à relação entre o pensamento científico e o pensamento místico, impondo suas normas dogmáticas e doutrinárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das eras e em diversas sociedades, o pensamento mágico emergiu como uma crença que transcende fronteiras culturais e temporais. Esta forma de crença e fé frequentemente se manifestam como uma tentativa de solucionar problemas e alcançar o que não está ao nosso alcance como ser humano por meio de práticas ritualísticas, encantamentos, amuletos, feitiços ou pela oração, entendida como um meio de comunicação com o mundo espiritual, onde se acredita que poderes sobrenaturais interagem com a realidade humana. Embora associado primariamente à espiritualidade, misticismo e religião, o pensamento mágico também pode ser encontrado em contextos que não são estritamente religiosos.

Importante ressaltar que o pensamento místico e o pensamento mágico possuem semelhanças, mas também diferenças distintas. O pensamento místico se concentra

na busca de uma compreensão mais profunda e direta da espiritualidade, muitas vezes envolvendo experiências de união com o divino. É mais voltado para a transcendência espiritual e a busca pela verdade última. Por outro lado, o pensamento mágico está mais associado à manipulação de forças sobrenaturais para influenciar a realidade material, buscando soluções pragmáticas para problemas específicos.

Muitas religiões integram elementos de pensamento mágico em suas práticas, buscando não apenas bens materiais, mas também a Graça Divina, e outros pedidos, assemelhando-se, por vezes, à lenda da lâmpada do gênio que concede três pedidos a quem pede com fé ou merecimento. No entanto, a religião também serve como um refúgio para aqueles que buscam transformações de ordem espiritual, transcendendo a mera busca pela prosperidade material. No entendimento de algumas vertentes do cristianismo e em outras religiões, a compreensão da prosperidade material tem sido associada à um merecimento e de conformidade com a vontade divina.

A oração, que representa um diálogo com o divino ao expor os dilemas que vivemos no cotidiano, em busca de orientação ou solução, muitas vezes ocorre a Graça Divina como uma oportunidade para a intervenção divina na vida dos humanos, que movida pela compaixão e misericórdia, nos fortalece para ser capaz de superar alguns dos desafios que passamos como obstáculo espiritual para a transcendência do EU. Essa convicção na capacidade da oração de trazer cura, proteção ou orientação divina pode ser interpretada como uma manifestação de pensamento mágico e místico que está inserida em um contexto religioso como ação da prática teológica devocional a qual pertence a uma corrente espiritual.

Diversas religiões incorporam amuletos, ícones e objetos sagrados como meios de afastar o mal, atrair boa sorte ou solucionar problemas específicos. Exemplificando, a cruz cristã é utilizada como símbolo de proteção e bênção, enquanto no hinduísmo, o uso de Yantras (diagramas geométricos) representa uma forma de pensamento mágico para atingir objetivos espirituais e terrenos.

Cerimônias religiosas frequentemente incorporam rituais com o intuito de influenciar e despertar a misericórdia de intervenção das forças divinas para a resolução de problemas. A cerimônia de bênção de uma nova residência, presente em diversas tradições religiosas, almeja garantir proteção divina e prosperidade para os familiares, servindo como exemplo de pensamento mágico dentro do contexto religioso.

Em algumas culturas, as fronteiras entre religiões são permeáveis, possibilitando a incorporação de elementos de diversas tradições religiosas na vida cotidiana. Isso pode culminar em uma mescla de práticas religiosas e mágicas para a resolução de problemas, com as pessoas recorrendo a diversas fontes de poder sobrenatural inclusive para cura espiritual e desobsessão de espíritos malignos.

O pensamento mágico, enquanto crença religiosa para a resolução de desafios, revela-se como uma faceta vital de muitas tradições religiosas em todo o mundo. Pois, reflete a busca intrínseca da humanidade por respostas e soluções por meio da interação com o divino, ao transcender as fronteiras entre as práticas religiosas. Cumpre notar, entretanto, que nem todas as religiões adotam essa perspectiva, e diversas teologias seguem em direção oposta ao pensamento mágico, buscando um conhecimento científico racional que

desvenda uma Lógica da atuação de Deus em Sua criação, interpretado de formas distintas em suas metodologias científicas ou na busca de evidências que ocorreu um milagre que está além da compreensão humana por ser eventos únicos e exclusivos conforme os planos de Deus ao longo da história humana em uma complexa relação entre religião e ciência.

REFERÊNCIAS

FARRIS, J a m e s. O que é Teologia Prática? Revista Caminhando, v.6, n. 1 [8], p.56-68, 2010 [2ª ed. on-line 2010; 1ª ed. 2001].

FRECHEIRAS, Marta Luzie de Oliveira. História da Teologia Moral: Uma Síntese a Partir do Concílio de Trento. ATeo, Rio de Janeiro, v. 26, n. 69, p. 96-114, jan./jun.2022.

GOLDSWORTHY, Graeme. Introdução à teologia bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2018.

GUYON, Jeanne Marie Bouvier de la Motte. Letters of Madam Guyon. Editor Mrs. T. C. Upham. Project Gutenberg. September 25, 2009 [eBook #30083].

JAEGER, Werner Wilhelm. Paidéia: a formação do homem grego. 6.ª ed. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2013.

MCGRATH, Alister. Teologia sistemática, histórica e filosófica: uma introdução à teologia cristã. São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

PANNENBERG, Wolfhart. Teologia sistemática – Volume I. Trad. Ilson Kayser. Santo André; São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda; Paulus. 2009a.

PANNENBERG, Wolfhart. Teologia sistemática – Volume II. Trad. Ilson Kayser. Santo André; São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda; Paulus. 2009b.

PANNENBERG, Wolfhart. Teologia sistemática – Volume III. Trad. Werner Fuchs.Santo André; São Paulo: Editora Academia Cristã Ltda; Paulus. 2009c.

PFEIFFER, Charles F. *et al.* Dicionário Bíblico Wycliffe. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

PINAS, Romildo Henriques. Abertura ao mistério de Deus e revelação salvífica em W. Pannenberg. Em Jesus Cristo a história humana se eleva ao divino/ Romildo Henriques Pinas; orientador: Mario de França Miranda. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Teologia – 2012. v., 266 f. 30 cm. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. A teologia latino-americana diante do pluralismo religioso. Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1436-1460, out./dez. 2013.

RIBEIRO, Claudio de Oliveira. O que um cristão precisa saber sobre a teologia da prosperidade. Revista Caminhando. V.12, n.1 (2007).

ROLDÁN, Alberto F. ¿Para qué sirve la teología? Una respuesta crítica con horizonte abierto, Buenos Aires: Fiet, 2007.

SIEBENEICHLER, F. B. Reflexões sobre a ética do discurso. Logeion: filosofia da informação, v. 5, n. Especial, p. 67-83, 2018. DOI: 10.21728/logeion. 2018v5n0.p67-83 Acesso em: 08 out. 2023.

Capítulo

03

A origem simbólica das inteligências artificiais: um estudo introdutório a partir das religiões e histórias humanas

Luiz Joaquim Dias de Lima Nunes

RESUMO

Neste estudo são exploradas as aparentes origens filosóficas e simbólicas da inteligência artificial (ou IA), anteriores à sua produção científica e tecnológica. Para se entender a inserção da IA no contexto social e os ideais que conduziram sua produção, cabe uma análise das influências culturais, mitológicas e religiosas que moldaram a concepção da IA ao longo da história. É destacado como mitos, religiões e obras literárias frequentemente descrevem a criação de seres com certas características vistas como humanas, como a inteligência e a fala, observando-se padrões recorrentes, como a formação da vida a partir da matéria não-viva e a relação entre criador e criatura. A partir dessa exploração pode ser melhor compreendida a figura da inteligência artificial como uma alegoria à inteligência humana, tão quanto os seres artificiais nas histórias abordadas são vistos como alegorias a seres humanos ou, mais ainda, tão quanto os próprios seres humanos são tomados como alegorias a seres divinos, abrindo um antecedente simbólico para a relação humano-máquina na atualidade.

Palavras-chave: inteligência artificial. psicologia social. religião. história da ciência. cultura.

METODOLOGIA

A compreensão da origem da inteligência artificial e das razões para sua existência pode permitir uma análise mais crítica sobre sua produção e as relações humanas que são por ela afetadas. Mais ainda, a compreensão das ideias que antecedem e embasam a inteligência artificial pode permitir contextualizar essa análise dentro da história, abrindo espaço para outras questões sobre o que essas tecnologias poderiam ter sido além do que elas acabaram sendo.

O presente estudo é resultado de uma análise historiográfica da inteligência artificial dentro de uma perspectiva da psicologia social, ou seja, com foco em compreender a origem e o desenvolvimento da IA no contexto dos fenômenos psíquicos e das relações psicossociais. Essa historiografia foi originalmente realizada como parte de uma pesquisa

DOI: 10.47573/aya.5379.2.235.3

de mestrado (NUNES, 2023), estando lá apresentada em detalhe, e foram nela incluídos materiais de origem acadêmica, ficcional, artística, religiosa, profissional e governamental, a fim de viabilizar uma análise mais holística sobre o tema. Os resultados aqui apresentados são um aprofundamento analítico de parte dos resultados da historiografia, tendo como foco aqui especificamente a questão de uma possível origem simbólica por trás da ideia de inteligências artificiais.

Da trajetividade científica

Observar a produção científica ao longo do tempo como uma simples lista de produções sequenciais, com uma dependendo da anterior, pode até ser suficiente para certas análises, mas ignora tanto as transformações psicossociais do lugar onde essas produções se dão quanto o imaginário a partir do qual vão surgindo as ideias para os próximos estudos a serem realizados. A história da ciência pode não se dar apenas por uma sequência lógica, suficiente em si, mas também como um resultado dos contextos em que ela se insere.

Quando se reflete sobre uma tecnologia, não há apenas o que refletir sobre seu funcionamento, mas também sobre os objetivos, as referências e os métodos através dos quais sua produção se deu. E “quanto mais poderosa é uma tecnologia, mais significativo se torna o ato moral de seu design” (FLORIDI, 2023). Todos esses fatores são também relevantes para identificar seus impactos, por exemplo, de modo mais holístico, que não se baste à discussão dentro da própria tecnologia. Nesse mesmo sentido, a compreensão das tecnologias chamadas de inteligências artificiais (ou IA) não depende apenas do entendimento de quais tarefas possam realizar, como também do que é que está sendo artificializado e por que há a intenção de realizar essa artificialização.

Quando qualquer pessoa no contexto científico levanta uma hipótese quanto à construção de uma inteligência artificial, não podemos negar que tal ideia pode ter raízes simbólicas em algum aspecto cultural - aspecto este que pode inclusive não ser a ciência, mas a arte ou a religião. Como mostrado por Zangari e Machado (2018), “a experiência religiosa é componente da experiência humana e da constituição de subjetividades, culturas e sociedades”.

Cada acontecimento dentro de uma história é antecedido por outros que o contextualizam, constroem e motivam, sendo que sua ligação com o tema objetivado pode não ser tão clara à primeira vista. Ou seja, recorrermos à história para a compreensão da ciência pode acabar nos levando a elementos mais distantes da ciência em si, na forma como hoje a reconhecemos e interpretamos. Considerando a ciência e a tecnologia como frutos da vivência humana, mais importante que mapear as produções históricas de inteligência artificial é encontrar os trajetos percorridos em busca dessas produções. Nesse trajeto não se encontra apenas a factibilidade tecnológica, mas as intenções, discussões e movimentações em torno da IA e que podem de fato ser ferramentas para a compreensão de suas relações com a imaginação simbólica e a vivência humanas.

Esse conceito é melhor aprofundado por Ribeiro & Araújo (2015) no que abrange as perspectivas de Durand, Berque e Piaget sobre a chamada *trajetividade.* Cabe, em busca de uma visão mais completa sobre a história da IA explorar tanto indícios subjetivos quanto

objetivos ao longo do tempo, para que assim se possa encontrar não somente a trajetória realizada pela IA quanto a trajetividade na qual ela se deu.

Ideias sobre seres artificiais ao longo da história

Múltiplas mitologias apresentam histórias de seres dotados de características - inclusive a inteligência - comparáveis de alguma forma à humana, por exemplo. Cabe citar alguns exemplos para discussão.

Na mitologia nórdica, segundo Faur (2011), os deuses Odin, Vili e Ve moldaram Midgard - a terra humana - a partir do corpo de um gigante que derrotaram, e com base em troncos soltos criaram os primeiros humanos. Criaram também os elfos e anões a partir de outras partes mais ou menos nobres do mesmo gigante, dando a cada um destes povos um diferente lugar a habitar.

Nas religiões é também comum a existência de histórias a respeito da criação do ser humano. Nas religiões abraâmicas e no candomblé, por exemplo, o ser humano é moldado a partir do barro por uma divindade segundo sua própria imagem e então abençoado com a vida.

Há também aqui o já citado *golem* que, segundo Idel (1990) é um ser definido na cabala, repartição mística do judaísmo, como um ser humanoide, construído a partir de matéria inanimada manuseável - comumente o barro - por um sacerdote que, ao fim da construção, dá a ele vida e propósito. A técnica seria possível apenas para os praticantes mais poderosos do sistema, capazes de reproduzir o processo divino de criação do próprio ser humano. Carl Jung (1968) também cita o golem em “Alchemical Studies”, quando discute a figura do *homúnculo*, um ser idêntico em forma a um ser humano, porém pequenino, cuja criação foi um dos grandes objetivos da alquimia.

Pinóquio é uma figura bem conhecida das histórias infantis, surgida no século XIX, tratando-se de um boneco de madeira construído aos moldes de uma criança pequena por um carpinteiro que viria a ser seu pai quando, de modo mágico, o boneco recebesse vida. A história mostra o boneco aprendendo a levar a vida de uma criança, mas ao mesmo tempo compreendendo suas diferenças para com as crianças à sua volta.

Outra figura semelhante, porém, vinda de um diferente estilo literário, é o *Frankenstein*, criatura retratada na obra de mesmo nome pela escritora Mary Shelley, também no século XIX. Na história, Victor Frankenstein cria um ser de forma humana a partir dos restos mortais de outras pessoas, dando a ela a vida e também o seu próprio nome.

Criação, imitação e artificialização

Para se discutir criticamente o papel dos mitos na construção simbólica de algo, Gilbert Durand (1996) tem observações bem pertinentes a respeito:

> O mito seria, de algum modo, o modelo matricial de toda a narrativa, estruturado pelos esquemas e arquétipos fundamentais da psique do sapiens, a nossa. É, portanto, necessário procurar qual (ou quais) o mito mais ou menos explícito (ou latente) que anima a expressão de uma linguagem segunda, não mítica. Por quê? Porque

> uma obra, um autor, uma época - ou, pelo menos, um momento de uma época - está obcecada de forma explícita ou implícita por um (ou mais de um) mito que dá conta de modo paradigmático das suas operações, dos seus desejos, dos seus receios e dos seus terrores.

É possível afirmar que temos, então, a hipótese de uma origem mitológica para a inteligência artificial, e que a partir da compreensão dos mitos possamos traçar possíveis origens simbólicas de tais ideias.

Podemos notar, seja no contexto mitológico, religioso ou artístico, que algumas estruturas se repetem no que tange a histórias sobre a criação dos seres ou, em outros termos, às origens de suas "vidas". Dentre tais estruturas podemos citar, por exemplo:

- A formação da matéria viva a partir da matéria não-viva;
- A preexistência de um ser criador em relação ao ser criatura;
- A forma do ser criador servindo como inspiração para a forma do ser criatura;
- E a imperfeição/inferioridade da forma do ser criatura quando comparada à forma do ser criador.

Embora o termo "inteligência" em geral não seja diretamente citado, o criador reconhece a criatura como viva a partir do momento em que suas formas e ações pareçam similares, ou mesmo imitações às suas próprias. Não apenas a forma física é replicada na geração da criatura, como também linguagem e comportamentos, sendo estes dois elementos bastante relacionados à teoria do desenvolvimento por Piaget (1960).

De diferentes maneiras é retratado um percurso similar de desenvolvimento: a matéria não-viva recebe forma análoga à do criador; depois, por vezes realiza algumas ações próprias, colocadas como mais primitivas ou inferiores; por fim, por alguma virada na história, tomar ações mais similares às de seu criador e ser encarada com maior apreço ou dignidade de respeito. Esse momento do reconhecimento da semelhança criador-criatura é encarado como um momento de louvor nas histórias, e é onde é atribuído o predicado de viva ou de humana a tal criatura. Aliás, é possível visualizar esse momento na famosa pintura "A Criação de Adão", de Michelangelo.

A partir dessa noção se pode abordar o quanto pensamos em inteligência artificial também como uma alegoria à própria inteligência humana, e sobre o porquê disto acontecer. Isto é colocado por Russell e Norvig (1995) inclusive como um dos dois aspectos para diferenciar as abordagens da IA: elas podem funcionar de modo estritamente *racional,* embasado em lógica e matemática, ou de modo *humano* que busque imitar um ser humano dentro das condições de existência da máquina. Essa *imitação*, mais detalhadamente, pode ocorrer de modo mais superficial ou profundo, com a máquina imitando apenas uma aparência humana ou também o que se sabe sobre o funcionamento cognitivo humano (NUNES, 2023).

Em todos esses casos, as atividades que são propostas para a realização por uma inteligência artificial são aquelas de interesse humano, em geral tendo sido antes realizadas com sucesso por seres humanos de fato. O horizonte de objetivos possíveis para a construção de IA se mostra como um reflexo dos objetivos da própria humanidade.

É então possível nos questionarmos se o ser humano seria capaz de pensar na IA sem recorrer a uma tal autorreferencialidade, ou mesmo sem utilizar referencial algum, e se seria capaz de reconhecer inteligência em algo sem que antes a pudesse reconhecer nele mesmo. Como a naturalidade é definida a partir do ser vivo, sua artificialidade é sua imitação.

Por extensão, a visão do ser humano sobre sua origem ou seu propósito pode se refletir sobre a origem ou o propósito que este reflete sobre suas próprias produções. Num sentido mais amplo, mesmo o conhecimento de histórias sobre origens e propósitos pode alimentar o imaginário que embasa a produção de um indivíduo.

Com isso, não há a necessidade de uma crença presente para que a influência possa acontecer, bastando que o símbolo esteja presente no imaginário. Não há, então, uma necessidade de identificação do indivíduo com a crença de origem daquele símbolo para que este se reflita sobre a produção tecnológica. O simples conhecimento sobre aquela história ou aqueles personagens pode servir como referência para essa produção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entendimento dessa origem simbólica da inteligência artificial é valioso tanto para uma visão historiográfica sobre o que essas tecnologias foram se tornando e por quê, quanto para uma compreensão mais nítida sobre como outros símbolos e fatores subjetivos da experiência humana podem ainda hoje continuar se transferindo para o funcionamento de tecnologias, como nos casos da discriminação algorítmica (SILVA, 2022) e da terceirização de responsabilidade pelas decisões (NUNES, 2023).

Os indícios apontados nesse estudo para a transferência simbólica da subjetividade humana sobre a inteligência artificial podem servir de base para outras discussões sobre os impactos de sua utilização. Por exemplo, quando se discute o quanto a produção ou o uso de uma IA para se tomarem decisões possa de algum modo influenciar a cultura de uma população em certa direção, cabe considerar a possibilidade de que uma transferência simbólica novamente aconteça e modifique essa influência.

Metodologicamente passa a ser menos segura a alternativa de se negar a priori que essa transferência simbólica ocorra, sendo válido considerá-la como um fator a ser incluído nessas novas análises. Esse resultado reforça a importância da participação da psicologia social e da psicanálise, inclusive em suas interfaces com a teologia, na compreensão das relações humanas sendo de algum modo transformadas pelas tecnologias.

REFERÊNCIAS

DURAND, Gilbert. Champs de l’Imaginaire. Ellug, 1996. Tradução por Maria João Batalha Reis.

FAUR, Mirella. Ragnarök: o Crepúsculo dos Deuses. São Paulo: Cultrix, 2011.

FLORIDI, Luciano. On Good and Evil, the Mistaken Idea That Technology is Ever Neutral, and the Importance of the Double-charge Thesis, em Philosophy & Technology, edição de setembro/2023.

Disponível em https://ssrn.com/abstract=4551487 . Último acesso em 23/09/2023.

IDEL, Moshe. Golem: Jewish Magical and Mystical Traditions on the Artificial Anthropoid. Albany: State University of New York Press, 1990.

JUNG, Carl. Alchemical Studies, em The Collected Works of C. G. Jung. Princeton: Princeton University Press, 1968.

NUNES, Luiz Joaquim. Artifício: Um estudo introdutório dos aspectos psicossociais da artificialização das inteligências. São Paulo: Dialética, 2023.

PIAGET, Jean. Psychology of Intelligence. New Jersey: Littlefield, Adams & Co., 1960.

RIBEIRO, Sandra Maria Patrício, & ARAÚJO, Alberto Filipe. Paisagem, imaginário e narratividade: olhares transdisciplinares e novas interrogações da psicologia social. São Paulo: Zagodoni, 2015.

RUSSELL, Stuart Jonathan & NORVIG, Peter. Artificial Intelligence - A Modern Approach. New Jersey: Prentice-Hall, 1995.

SILVA, Tarcízio. Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais. São Paulo: Edições SESC SP, 2022.

ZANGARI, Wellington, & MACHADO, Fátima Regina. Psicologia & Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos. Realização por Inter Psi - Laboratório de Psicologia Anomalística e Processos Psicossociais. 2018. Disponível em http://interpsi.org/cartilha/. Último acesso em 23/09/2023.

Capítulo

04

A Cruz: uma temática a ser discutida e esclarecida pelos cristãos contemporâneos

Sales Maciel de Góis

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo estabelecer uma discussão e análise a respeito do rito sumário da crucificação. Uma pesquisa bibliográfica serviu de base para este artigo, os autores que foram consultados, são: Ryrie (2004), Douglas (1995), Elwell (1993), Champlin (1998) e outros compõem o escopo bibliográfico. Este artigo, trata-se de um estudo aprofundado sobre a temática da cruz, contendo, sua história e etimologia. Além disto se buscou dar respostas aos seguintes questionamentos: quem inventou este método sumário de punição? Quais são os motivos da aplicação de tal método de tortura? Cabe devoção e até mesmo idolatria à cruz? Ademais, observa-se a análise de três sentidos para a crucificação de Jesus, sendo eles: a tortura, a exemplificação e o escárnio. O presente manuscrito pode servir de fonte de encorajamento a debates teológicos sobre o ícone da cruz e sua relevância ou não para os cristãos.

Palavras-chave: Jesus. cruz. crucificação.

ABSTRACT

The present work aims to establish a discussion and analysis regarding the summary rite of crucifixion. A bibliographical research served as a basis for this article, the authors who were consulted, are: Ryrie (2004), Douglas (1995), Elwell (1993), Champlin (1998) and others make up the bibliographic scope. This article is an in-depth study on the theme of the cross, containing its history and etymology. In addition, we sought to answer the following questions: who invented this summary method of punishment? What are the reasons for the application of such a method of torture? Is there devotion and even idolatry to the cross? In addition, three meanings are analyzed for the crucifixion of Jesus, namely: torture, exemplification and mockery. This manuscript can serve as a source of encouragement for theological debates about the icon of the cross and its relevance or not for Christians.

Keywords: Jesus. cross. crucifixion.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, para tal consultou-se: a Bíblia Sagrada, a obra de Lee Strobel (2001): *Em defesa de Cristo: Um Jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo*, o comentário de Champlin (1998) *O novo testamento interpretado versículo por versículo*, o livro de Charles Ryrie (2004) *Teologia básica ao alcance de todos*, a obra de Elwell (1993) *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã* e outras obras de apoio.

O objetivo deste trabalho é discutir questões relacionadas à crucificação. Analisar a história e etimologia da pena capital e sumária da crucificação. Para tal apresentou-se os seguintes questionamentos: quem inventou este método sumário de punição? Quais são os motivos da aplicação de tal método de tortura? Cabe devoção e até mesmo idolatria à cruz? Em seguida, analisou-se a razão por trás da crucificação de Cristo.

Os sentidos da crucificação de Jesus: a tortura, o exemplo e o escárnio foram apresentados, analisados e discutidos. Algumas referências bíblicas subsidiaram a fundamentação teórica e proporcionaram uma visão precisa a respeito da problemática que envolve à cruz. A crucificação de Jesus e a forma como foi executada está além da ficção e da imaginação humana. A leitura deste artigo fluirá naturalmente aos olhos dos leitores, boa leitura.

DESENVOLVIMENTO

A crucificação

Há quem diga que a humanidade nunca experimentou um tipo de punição tão bárbara, constrangedora, humilhante, impiedosa e horrorizante, quanto à crucificação. O que os direitos humanos diriam a respeito desse tipo de pena? Pensar no ritual da crucificação é refletir sobre a impressionante capacidade humana de planejar, inventar e tramar o mau contra o seu semelhante. Ainda hoje, em pleno século XXI rituais bizarros são aplicados como efeitos punitivos e sumários a infratores: injeção letal, cadeira elétrica, enforcamento, fuzilamento com o uso de metralhadoras, e etc.

O tribunal da Inquisição fez várias escolas especializadas na barbárie. No ano de 2003, em Dourados-Mato Grosso do Sul, havia na cidade uma exposição, vinda da Itália, de armas de tortura que foram usadas na Inquisição. Os cintos de castidade impressionavam, havia urnas, nas quais pessoas eram colocadas dentro, e na altura da cabeça tinha um enorme parafuso, que era apertado pelo carrasco fazendo com que o parafuso perfurasse o crânio da vítima, está presa na urna não podia se mover.

No entanto, o que chamava a atenção do público era uma haste de dois metros de altura, com uma ponta afiada e fina, enquanto que a sua base era mais grossa. Assim, a pessoa era brutalmente introduzida pelo ânus naquela ponta afiada, à estaca perpassava pelo corpo da vítima até sobressair na boca, uma vez introduzido na estaca, o carrasco o puxava para baixo de forma que a pessoa ficava agonizando na estaca por dias, até que morresse.

A princípio acreditava-se que a morte na estaca era a pior forma para uma pessoa morrer. Todavia, ao aprofundar-se no estudo da crucificação se constatou que a estaca utilizada na Inquisição era cruel e vergonhosa, mas não se compara a morte pela cruz. Sendo assim, o presente artigo bibliográfico apresentará um estudo aprofundado sobre a crucificação.

ETMOLOGIA E HISTÓRIA

Diante do tema em discussão, questiona-se: quem inventou este método sumário de punição? Quais são os motivos da aplicação de tal método de tortura? Cabe devoção e até mesmo idolatria à cruz? Estes e outros questionamentos nortearão o desenvolvimento deste trabalho. De acordo com Douglas (1995, p.378), a palavra crucificação vem do latim CRUCI FIGO, “cravo numa cruz”. No Novo Testamento é sempre empregado o verbo *stauroõ*, que significa cravo, derivado do substantivo *stauros*, estaca. No sentido mais comum do termo, crucificação quer dizer ato ou efeito de pregar na cruz. Segundo Elwell (1993, p. 389), o sentido da crucificação “se refere a uma forma especialmente cruel e degradante de pena capital”.

As origens dessa pena capital, ainda são desconhecidas e divergentes. O próprio Elwell (1993, p. 389) escreve que segundo se tem notícia, a crucificação era praticada de uma forma ou outra por vários grupos, tais como indianos, os citas, os celtas, os germanos, os britanos, os taurinos, porém associa-se mais estreitamente aos persas, aos cartagineses, aos fenícios, aos gregos e especialmente, aos romanos.

Douglas (1995, p. 378) escreve que a “invenção dessa prática cruel é tradicionalmente atribuída a Semíramis[1], embora também seja reputada como prática de origem fenícia”. Há também evidências de que a crucificação tenha sido utilizada na Pérsia, nos séculos quinto e sexto a.C., e também há indícios de que no século V a.C., esse tipo de pena capital era praticado, no Egito. Cada vez mais os arqueólogos estão encontrando indícios dessa prática nas civilizações antigas.

Já John Stott (2006, p.17), na obra denominada *A Cruz de Cristo*, afirma que “os gregos e os romanos se apossaram da crucificação, que aparentemente, fora inventada pelos “bárbaros” que viviam a margem do mundo conhecido”. Ainda na internet[2] circula a informação que a morte por crucificação foi criada na Pérsia, sendo trazido no tempo de Alexandre para o Ocidente, sendo então copiada dos cartagineses e pelos itálicos.

O teólogo Charles Ryrie na obra *Teologia Básica ao Alcance de Todos* (2004, p. 328) escreve que “a crucificação teve sua origem no Oriente. Os persas a praticavam, e Alexandre o Grande parece ter aprendido isso com eles. A fenícia famosa por suas práticas bárbaras frequentemente utilizava à crucificação”.

Como se pode observar há várias concepções sobre a origem desse tipo pena de morte, sendo assim, mesmo com toda a tecnologia, recursos e descobertas atuais ainda não se pode afirmar com precisão, onde, quando ou até mesmo de quem foi a ideia de crucificar pessoas, dessa forma as diversas informações só fazem aumentar mais a tensão

1 Provável mãe de Ninrode, filho de Cuxe, ela e seu filho são considerados como os responsáveis pela adoração aos ídolos.
2 http://pt.wikipedia.org/wiki/Crucifica%C3%A7%C3%A3o.

e a curiosidade a respeito da crucificação e a razão da utilização deste método tão bárbaro e cruel.

O SENTIDO DA CRUCIFICAÇÃO

A crucificação assim como as demais penas capitais possui "sentidos", se é que se pode dizer assim, são eles: a tortura, o exemplo e o escárnio. A tortura, o condenado era espancado, açoitado, levava pontapés, cusparadas, etc. O objetivo era deixar o condenado num estado de esgotamento físico, emocional e mental. Foi isso que fizeram com Jesus: *"Então, cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: Profetiza-nos, Cristo, quem é o que te bateu?*" (MATEUS 26: 67-68). O médico e também discípulo, Lucas (22: 63-64) escreve que, *"os homens que prenderam Jesus zombavam e o feriam; e, vendando-lhe os olhos, perguntavam: Profetiza quem foi que te bateu!"*. Marcos (15: 19) também relata a tortura que Jesus sofreu, *"batiam-lhe na cabeça com um bordão, cuspiam-lhe e, de joelhos, adoravam-no*". A frase *"adoravam-no"*, nesse contexto denota o sentido de deboche ou ironia.

O quarto evangelho do Novo Testamento também relata o início da tortura que Jesus sofreu, de acordo com João (19: 2-3) *"os soldados teceram uma coroa de espinhos e a puseram sobre a cabeça de Jesus; vestiram-lhe um manto de púrpura e, aproximando-se dele, diziam: Salve o rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas"*. Nesse último versículo a expressão *"Salve o rei dos judeus"* também possui um sentido ardiloso e capcioso de zombaria.

A preparação de Jesus até a cruz foi revestida de espancamento, conforme afirma Champlin (1998):

> Embora tempos aoristos sejam empregados, não há que duvidar que as ações insultuosas foram repetidas. As altas autoridades não agiram assim, pois certamente isso foi deixado nas mãos dos vários servos, dos sacerdotes, dos soldados e outros elementos da escolta. Agora que Jesus fora condenado, pensavam que poderiam fazer o que bem entendessem contra ele, e passaram a demonstrar tremenda falta de respeito e ódio contra aquele que fora tão-somente um benfeitor. Quanto a *esbofeteavam*, algumas traduções indicam um espancamento com as mãos, mas a raiz da palavra indica um espancamento com varas (o vocábulo é *erapisan*, e vara é *rapis*; pelo que a forma verbal se deriva da palavra que indica vara. "...lhe davam murros...) Indica que batiam em Jesus com o punho. Não deveríamos ficar surpreendidos se essa ação teve lugar depois da condenação de Jesus, pois até na casa de Anás, antes de qualquer acusação ou condenação formal ter tido lugar, um servo julgou que estava no dever de espancar a Jesus. (Ver João 18: 22). Os espancamentos mencionados em Lucas (22: 63) são reputados como diferentes daqueles que são aqui mencionados". Até parece que tais ultrajes acompanhavam todos os julgamentos religiosos(...). (CHAMPLIN, 1998, p. 611)

Talvez agora seja mais fácil de aceitar as cenas fortes contidas no filme *A paixão de Cristo*[3]. Esse filme gerou diversas discussões entre evangélicos, católicos e até mesmo pessoas sem religião assumida. Alegava-se que a tortura que Jesus sofreu, no filme, não correspondia ao relato bíblico, todavia, quanto mais se aprofunda no estudo sobre a crucificação mais se entende, a respeito, do sofrimento que foi imposto sobre Jesus.

A discussão sobre a tortura sofrida por Jesus não finda aqui. Segundo Alexander

3 Produzido por Mel Gibson.

Metherell *apud* Lee Strobel[4] (2001), em sua obra Em defesa de Cristo, aconteceu o seguinte:

> Os açoitamentos romanos eram famosos por serem terrivelmente brutais. O comum é que consistissem em 39 chicotadas, mas com frequência esse número era ultrapassado, dependendo do humor do soldado que as aplicava. O soldado usava um chicote de tiras de couro trançadas, com bolinhas de metal amarradas. Quando o açoite atingia a carne, essas bolinhas causavam hematomas ou contusões profundas, que se abriam nas chicotadas seguintes. Havia também, presos ao açoite, pedaços afiados de ossos, que cortavam a carne profundamente. As costas ficavam tão maltratadas que às vezes os cortes profundos chegavam a deixar a espinha exposta. As chicotadas cobriam toda a extensão do dorso, desde a nuca até o traseiro e as pernas. Era terrível. (STROBEL, 2001, p. 259)

Analisando as palavras do Dr. Alexander, pode- se verificar que o sofrimento de Jesus ainda é algo inimaginável, indescritível, insuportável. A tortura que Jesus sofreu ultrapassa sem dúvida alguma, todas as imagens produzidas pela ficção humana. Metherell (*apud* STROBEL,200, p. 259) prossegue dizendo:

> Algumas pessoas morriam desse tipo de suplício antes de chegar a ser crucificadas. No mínimo, vítima sofria dores terríveis e entrava em choque hipovolêmico. Metherell usava um termo médico e eu não conhecia. O que quer dizer hipovolêmico? Perguntei. *Hipo* significa "baixo", vol refere-se a "volume" e êmico significa "sangue"; portanto, choque hipovolêmico quer dizer que a pessoa está sofrendo os efeitos de perder grande quantidade de sangue.

O sofrimento não para por aí. O Dr. Alexander ainda completará o raciocínio dizendo que o choque hipovolêmico pode ocasionar quatro coisas. Primeiro, o coração se esforça para bombear mais sangue, mas não tem de onde; segundo, a pressão sanguínea cai, causando desmaio ou colapso; terceiro, os rins param de produzir urina, para conservar o volume que sobrou; por último, a pessoa fica com muita sede, pois o corpo pede por líquidos para repor o sangue que perdeu.

Não se sabe se todos os criminosos condenados a crucificação passavam por todo esse sofrimento, mas é certo que Jesus passou por tudo isso, e mais, a tortura de Cristo não findou aqui, pois ele ainda teria de carregar a cruz, ser pregado, enfim, crucificado.

Pare por instante, e pense como Jesus devia estar após os açoites? O sofrimento de Jesus não terminara com o suplício, era necessário subir até o Gólgota[5], que quer dizer lugar da Caveira e mais Jesus precisaria carregar a cruz. Você já subiu uma grande ladeira? É um tanto quanto cansativo, pior ainda se estiver no verão, embaixo de um calor escaldante. Agora imagine Jesus! Na quinta-feira à noite quando estava no Jardim das Oliveiras suou sangue, na mesma noite sofre uma pressão psicológica por ser traído por um amigo e ser preso como um criminoso. No dia seguinte, sexta-feira sofre escárnio, é esbofeteado, é zombado e chicoteado, colocam-lhe uma coroa de espinhos, ele provavelmente não tinha se alimentado e nem bebido água. E ainda tinha que carregar a haste horizontal da cruz.

4 É mestre em Direito pela Universidade de Yale, atuou 13 anos como jornalista do Chicago Tribune e em outros jornais americanos, conquistando vários prêmios ao longo da carreira.

5 É o lugar perto de Jerusalém aonde Jesus e mais dois ladrões foram crucificados. A palavra Gólgota, que em hebraico e em aramaico significa "crânio", é usada em três dos evangelhos (Mateus 27:33; Marcos 15:22; João 19:17), porém no evangelho de Lucas, é usada a palavra que vem do latim "caveira", que tem o mesmo significado (Lucas 23:33). Ninguém nem tem certeza de onde exatamente ficava Gólgota. As referências bíblicas nos dão apenas uma ideia vaga da localização. Era fora da cidade (João 19:20; Hebreus 13:12), pode ter sido tanto numa colina como num plateau, pois dava para ser visto a uma certa distância e provavelmente perto de uma estrada visto que a bíblia menciona que havia transeuntes (Mateus 27:39; Marcos 15:29). João descreve como sendo um lugar perto de um jardim que tinha uma cova aonde Jesus foi sepultado (João 19:41). O uso de "o" - "o lugar do crânio" - indica que era um lugar bem conhecido. Em 1842 um estudioso chamado Otto Thenius, sugeriu que a Gólgota era uma colina rochosa a uns 228.5 metros noroeste do portão de Damasco. O lugar que Thenius mencionou havia sido um lugar aonde antigamente os judeus usavam para apedrejar criminosos. Esse lugar se localizava fora do muro da cidade e tinha o formato de um crânio. Mais tarde o General Charles Gordon sugeriu o mesmo lugar e desde então é conhecido como "A Caveira de Gordon". (BÍBLIA DIGITAL ILUMINA)

Os estudiosos se divergem quanto ao peso aproximado dessa haste. Alguns dizem que ela possuía 15[6] quilos, outros 20 e os mais pessimistas a atribuem um peso de 40[7] quilos. Levando-se em consideração o fato de não se saber precisamente qual a distância até o Gólgota e qual era o peso da haste da cruz, supõe-se que a haste pesasse 15 quilos, isso é dois quilos a mais que uma botija de 13 quilos de gás e uma distância de 500 metros a ser percorrida com este peso, no sentido íngreme, como se tivesse que subir uma ladeira.

Pense agora em Jesus: fraco, talvez com baixa quantidade de sangue em seu corpo, sem beber, sem comer, sofrendo dores físicas e psicológicas, com uma coroa de espinhos cravada em sua cabeça e com o corpo todo dilacerado pelas chicotadas, tendo que carregar uma haste de madeira de 15 quilos a uma distância aproximada de 500 metros, sentido acima. Isso é tortura. Tente refletir sobre o quanto, esta haste pesaria nos primeiros 50, 100, 200 metros e etc. O relato bíblico diz que Jesus não conseguiu carregá-la. *"E, quando saíam, encontraram um homem cireneu, chamado Simão, a quem constrangeram a levar a sua cruz"* (MATEUS 27: 32).

A narrativa apresentada por Lucas (23: 26) diz que, *"quando o iam levando, tomaram um certo Simão, cireneu, que vinha do campo, e puseram-lhe a cruz às costas, para que a levasse após Jesus"*. Percebe-se que humanamente, Jesus, da forma que estava não poderia carregar aquela haste de madeira, ainda que fosse leve. Ele estava esgotado fisicamente e ainda não era o fim. Ao que parece o mesmo Simão findou levando a parte horizontal da cruz até o Gólgota, dessa forma tudo estava pronto para a pena capital mais bárbara da história da humanidade, a crucificação.

Uma etapa mais cruel estava por vir. Esgotado física e mentalmente Jesus estava prestes a ser pregado no madeiro. No ato de crucificação a vítima era pendurada de braços abertos em uma cruz de madeira, amarrada ou, raramente, presa a ela por pregos[8] perfurantes nos punhos e pés. De acordo com Elwell (1993, p. 390):

> Depois de pronunciada a sentença, o condenado era obrigado a carregar a peça horizontal para o lugar da execução, sempre fora da cidade. O líder do quarteto encarregado da execução ia adiante da procissão levando um letreiro que pormenorizava a razão da execução. Ali, a vítima era açoitada (isto parece ter antecedido a condenação no caso de Jesus- possivelmente para evitar simpatia), os braços estendidos da vítima eram fixados à viga lateral com pregos e cordas. A viga era então levantada e fixada ao poste perpendicular (que em algumas áreas pode ter sido deixada fixa no lugar, tanto por conveniência quanto por advertência). Uma pequena tábua pode ter sido fornecida como um tipo de assento para suportar parte do peso do condenado (ela, na realidade, pode ter prolongado o sofrimento ao evitar asfixia). Os pés eram então fixados de modo a forçar os joelhos a ficarem dobrados. De forma contrária à opinião popular, as cruzes não eram altas; os pés provavelmente ficavam poucos centímetros do chão. O letreiro que descrevia a acusação era fixado a cruz.

A dor era terrível, pregos perpassando os pulsos e os pés, a própria lei da gravidade se encarregaria de fazer o resto, a vítima ia morrendo lentamente. Segundo o Dr. Alexander Metherell *apud* (STROBEL 2001, p. 261) "Os romanos usavam pregos grandes, com cerca de 15 centímetros, bem afiados e com eles atravessavam os pulsos". É importante se ter

6 Essa trave tinha, aproximadamente, dois metros de comprimento e pesava cerca de 15 quilos (RYRIE, 2004, p. 328).

7 Uma reportagem exibida no canal Discovery Chanel no dia 31.03.2013, sugere que o peso da haste horizontal que Jesus carregou fosse de 35 k.

8 Grandes pregos, medindo cerca de 10 centímetros, eram pregados sobre as mãos e os pés da vítima. (RYRIE, 2004, p.328). Já Strobel (2001, p. 261) escreve que: os romanos usavam pregos grandes, com cerca de 15 centímetros, bem afiados. É justo que o leitor conheça as possibilidades e de posicione como bem entender.

muita atenção a esse detalhe, pois a maioria das figuras retratadas do Jesus crucificado apontam para as mãos pregadas à cruz. Mas se os pregos furassem apenas a palma da mão, o peso do corpo a rasgaria e o corpo de Jesus teria caído da cruz. Por essa razão os pulsos eram perfurados, e também eles eram considerados parte das mãos, na linguagem da época.

Alguém pode dizer pronto! Acabou a tortura. Engana-se quem pensar dessa maneira, no caso de Jesus especificamente, a morte foi pouco tempo após a crucificação, mesmo assim, ele deve ter sofrido convulsões, falta de ar, sede, dor em várias partes do corpo antes da morte. E por ser sexta-feira o criminoso não poderia ficar ali após as seis horas da tarde, pois nessa hora iniciava a preparação dos judeus para o dia de sábado. E também porque para os judeus o corpo de alguém que fosse pendurado num madeiro não poderia passar a noite ao relento, observe a narrativa Bíblica:

> Quando também em alguém houver pecado, digno do juízo de morte, e haja de morrer, e o pendurares num madeiro, o seu cadáver não permanecerá no madeiro, mas certamente o enterrarás no mesmo dia, porquanto o pendurado é maldito de Deus; assim, não contaminarás a tua terra, que o Senhor, teu Deus, te dá em herança". (A BÍBLIA SAGRADA - Deuteronômio 21: 22-23)[9]

De acordo com a Lei de Deus a Moisés o corpo não poderia ficar exposto durante a noite. É importante se observar que isso se refere aos judeus, pois estes são zelosos pela Lei de Deus. Todavia, para os outros povos que praticavam a pena capital da crucificação não havia essa regra, logo, havia casos em que uma pessoa crucificada poderia ficar ali, presa a cruz por dias, morrendo lentamente, sofrendo ataque aves, insetos e outros animais, sem comer ou beber, agonizando e desejando a morte.

Durante a tortura o condenado poderia sofrer lesões graves, hemorragias e até mesmo fraturas nos membros do corpo. Provavelmente alguns condenados nem chegassem a ser crucificados, o que para os agressores seria algo ruim, pois a crucificação tinha a finalidade de fazer com que o criminoso sofresse e morresse lentamente depois de ser crucificado. A crucificação não se resume em apenas pregar alguém numa cruz, se tratava de um conjunto de fatores, a tortura era apenas a primeira razão ou o primeiro sentido da crucificação, ademais, de uma forma mais sintética abordar-se-á o segundo e o terceiro sentido, respectivamente, o exemplo e o escárnio.

A exemplificação, o império romano tinha problemas em manter o controle dos povos subjugados a ele, sempre havia grupos inconformados, facções, grupos separatistas, grupos nacionalistas e outros que de uma forma ou de outra queriam se ver livres do domínio romano. Homicidas e ladrões também não eram bem vistos pelos romanos. A fim de manter a ordem, vez outra eles crucificavam alguém. Era uma forma de repressão e imposição, a pessoa crucificada seria o exemplo perfeito para os demais.

No caso de Jesus, desde o seu nascimento a alcunha de rei dos judeus estava posta sobre ele tanto que o rei Herodes quando soube que na cidade de Davi nasceria do rei dos judeus, mandou matar todas as crianças abaixo de dois anos de idade. A entrada triunfal em Jerusalém, já no ministério de Cristo, não foi bem vista nem pelos religiosos e muito menos pelos romanos. No momento de tortura que antecedeu a crucificação colocaram-lhe uma

9 Sociedade Bíblica do Brasil. (2009). Almeida Revista e Corrigida 2009 (Dt 21:22-23). Sociedade Bíblica do Brasil; Barueri.

coroa de espinhos. No seu julgamento perante Pilatos ele foi questionado: “Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus?” (João 18:33).

Ao ser crucificado uma pequena placa escrita em grego, latim e hebraico foi pregada na cruz, logo acima de Jesus com a inscrição INRI, que significa Jesus Nazareno, Rei dos Judeus (JOÃO 19: 19-21). O grego era a língua universal e comercial da época, o latim era a língua do império romano e o hebraico era a língua divina para os judeus. A mensagem romana ficou clara, “aqui está o rei de vocês! Que isto lhes sirva de exemplo”. A crucificação de Jesus teve uma característica exemplificativa e esta se mistura ao escárnio. É importante observar que Deus não se deixa escarnecer, vide o texto de Gálatas 6:7, que diz o seguinte: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará”. A palavra zombar neste contexto têm o mesmo sentido da expressão escarnecer.

Um homem crucificado, uma coroa de espinhos em sua cabeça, com uma inscrição o chamando de rei dos judeus, foi uma zombaria. Antes de expirar Jesus pediu água e lhe deram a beber vinagre e sal, numa haste com uma esponja em sua ponta. Um dos homens crucificado ao lado dele exclamou: “salvou a muitos, porque não salva a ti também. Destaca-se que o povo judeu esperava o Messias como um rei semelhante a Davi. Um guerreiro, perito na arte da guerra, trajando uma armadura com um resistente escudo e uma poderosa espada, montado num grande cavalo. Este os libertaria de seus inimigos.

A crucificação de Jesus atingiu os requintes mais cruéis da tortura, fez daquele que não cometeu pecado uma exemplificação para religiosos arrogantes, governantes corruptos e um povo sem discernimento. Além de tudo, escarneceram daquele cujo nome está acima de todo o nome, no qual um dia todo o joelho se dobrará e toda a língua confessará que Jesus Cristo é o Senhor. Mas e a cruz, o que ela representa para os cristãos?

Não há um exagero na reverência que muitos cristãos lhe prestam? Alguém desenharia em frente a sua casa a imagem de uma arma que foi utilizada para matar uma pessoa a quem amava? A linha entre o santo e o profano é bem ténue, os cristãos devem estar vigilantes, a fim de que não sejam enganados. Jesus não está mais pregado numa cruz e tão pouco é a utilidade desta para os crentes, não é a cruz que remiu a humanidade do pecado, porém aquele que prendido a ela, derramou seu precioso sangue. Não cabe a ninguém devotá-la e muito menos idolatrá-la, somente a Deus pertence a honra, a glória, o louvor e a adoração. Ao Senhor teu Deus adorarás e somente a ele prestarás culto (MATEUS 4:10).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crucificação ainda é um campo vasto a ser explorado. Se passaram quase 2000 anos desde que Jesus foi submetido a esta pena capital e sumária terrível, e ainda hoje se discute, estuda-se e também se escreve muita coisa a respeito da cruz. Conforme se observou nos relatos de Elwell (1993), Ryrie (2004), Douglas (1995) e Stott (2006) sobre a crucificação, definir a origem desta prática terrível de pena de morte, mesmo com todos os recursos disponíveis da atualidade, ainda é uma questão difícil de se responder.

Esta prática, quando foi aplicada a Jesus Cristo, extrapolou os limites e violou todos

os direitos humanos. No caso de Cristo a tortura antecedente à crucificação causou-lhe um sofrimento inimaginável, indescritível e inaceitável, que nenhuma obra cinematográfica conseguirá retratar com precisão, tamanha atrocidade. Neste contexto ele serviu de exemplo para um povo que esperava (e ainda esperam) o Messias como um rei semelhante a Davi. Um guerreiro, perito na arte da guerra, trajando uma armadura com um resistente escudo e uma poderosa espada, montado num grande cavalo.

Ademais, fizeram de Jesus um objeto de escárnio, um provérbio: “salvou a tantos, porque não salva a ti também” (LUCAS 23: 35). Escarneceram do unigênito Filho de Deus. Isto é preocupante! Visto que Deus não se deixa ser escarnecido: “Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (GÁLATAS 6:7). Em suma, entende-se que a adoração das pessoas deve ser direcionada somente a Deus, no livro de Êxodo 20:4, o Senhor diz o seguinte a Moisés: “Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra”, uma das respostas de Jesus ao ser tentado por Satanás foi a seguinte: “ao Senhor teu Deus adorarás e somente a ele prestarás culto” (MATEUS 4: 10).

Por último, a cruz assim como qualquer outro objeto, pessoa ou animal não deve ser venerada, santificada, endeusada ou adorada. Não existe teologia da cruz, existe uma história da cruz e uma teologia de Jesus Cristo, ela não é maior do que aquele que nela verteu seu precioso sangue para o perdão dos pecados.

REFERÊNCIAS

CHAMPLIN, Russell Norman. O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo. Vol-1.- São Paulo: Editora Candeia, 1998.

DOUGLAS, J.D. O Novo Dicionário da Bíblia. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

ELWELL, Walter. A. Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã. São Paulo: Vida Nova, 1993.

RYRIE, Charles Caldwell. Teologia Básica ao Alcance de Todos. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

A BÍBLIA SAGRADA. Sociedade Bíblica do Brasil. Almeida Revista e Corrigida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

STOTT, John. A Cruz de Cristo. São Paulo: Editora Vida, 2006.

STROBEL, Lee. Em Defesa de Cristo: Um Jornalista ex-ateu investiga as provas da existência de Cristo. São Paulo: Editora Vida, 2001.

Capítulo

05

Célia é quem não viu

Célia is the one who didn't see

Ricardo Santos David

RESUMO

Este estudo explorou a relação entre adversidades físicas, especificamente a retinite pigmentosa, e o despertar espiritual. Utilizando uma abordagem de revisão narrativa, foram analisados artigos publicados entre 1995 e 2018 que abordam a correlação entre condições médicas degenerativas e manifestações de espiritualidade. A pesquisa focou em experiências individuais, como a de Célia Almeida Pereira Guadalupe Ramos, para ilustrar as descobertas. Os resultados indicam que, em muitos casos, adversidades físicas podem servir como catalisadores para um crescimento espiritual e emocional profundo. A mediunidade, em particular, foi identificada como uma manifestação tangível dessa interação entre o físico e o espiritual. Conclui-se que a espiritualidade, embora frequentemente associada a práticas e crenças religiosas, pode ser vivenciada como uma conexão profunda com o próprio ser, com os outros e com o universo, especialmente em face de adversidades.

Palavras-chave: retinite pigmentosa. despertar espiritual. mediunidade. espiritualidade.

ABSTRACT

This study explored the relationship between physical adversities, specifically retinitis pigmentosa, and spiritual awakening. Using a narrative review approach, articles published between 1995 and 2018 that address the correlation between degenerative medical conditions and manifestations of spirituality were analyzed. The research focused on individual experiences, such as that of Célia Almeida Pereira Guadalupe Ramos, to illustrate the findings. The results indicate that, in many cases, physical adversities can serve as catalysts for profound spiritual and emotional growth. Mediumship, in particular, was identified as a tangible manifestation of this interaction between the physical and the spiritual. It is concluded that spirituality, although often associated with religious practices and beliefs, can be experienced as a deep connection with oneself, with others, and with the universe, especially in the face of adversities.

Keywords: retinitis pigmentosa. spiritual awakening. mediumship. spirituality.

INTRODUÇÃO

A complexidade da experiência humana é moldada por uma miríade de fatores, desde as circunstâncias físicas até as profundezas do espírito. Em muitas tradições e culturas ao redor do mundo, existe a crença de que aqueles que enfrentam adversidades físicas são dotados de uma conexão mais profunda com o reino espiritual. Esta conexão, muitas vezes vista como uma compensação divina ou uma evolução da alma, tem sido objeto de estudo, reflexão e fascínio ao longo dos séculos. No entanto, é nas histórias individuais que se encontram as manifestações mais tangíveis e impactantes dessa interação entre o físico e o espiritual.

Dentro desse contexto, a narrativa de Célia Almeida Pereira Guadalupe Ramos, personagem principal do livro “Célia é quem não viu” do autor (2023), uma jovem brasileira da metrópole de São Paulo, emerge como um estudo de caso profundamente ilustrativo.

Diagnosticada com retinite pigmentosa, uma condição genética que gradualmente rouba a visão até culminar na cegueira, Célia foi confrontada com uma realidade que muitos lutam para compreender. A iminente escuridão visual que se desenhava em seu futuro contrastava com uma luz emergente de outra natureza, uma luz que emanava de seu interior, iluminando sua percepção espiritual e emocional.

Figura 1- Capa Livro, Célia é quem não viu.

Fonte: O Autor – 2023.

Figura 8

Fonte: elaborado pelo autor (2022)

O principal objetivo deste artigo é explorar, em profundidade, a trajetória de vida de Célia Almeida Pereira Guadalupe Ramos. Pretende-se analisar como sua condição física, longe de ser apenas uma limitação, serviu como catalisador para um profundo despertar espiritual. Através de uma análise, busca-se compreender como as adversidades físicas podem, em alguns casos, acelerar e intensificar o crescimento espiritual e emocional de um indivíduo. Além disso, este estudo visa lançar luz sobre a manifestação da mediunidade do ponto de vista científico e psicológico desmistificando assim alguns conceitos e pré-concebidos pela sociedade.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Retinose Pigmentar é categorizada como a mais recorrente forma de distrofia retiniana herdada, marcada pela deterioração contínua da retina e perda dos fotorreceptores e do epitélio pigmentar retinal (LIEW *et al.,* 2018; ALNAWAISEH *et al.,* 2019). Manifestações da doença podem ocorrer devido a diferentes tipos de mutações genéticas: transmissão genética autossômica dominante, recessiva, conectada ao gênero ou esporádica. Mais ainda, a progressão e severidade da doença estão intimamente ligadas ao gene específico que provoca a enfermidade (SORRENTINO *et al.,* 2016; NAKAGAWA *et al.,* 2016). De maneira geral, a Retinose Pigmentar com transmissão genética ligada ao gênero tende a apresentar um quadro mais severo do que aquela com transmissão genética autossômica recessiva. Por outro lado, pacientes com transmissão genética autossômica dominante tendem a ter a melhor perspectiva de longa duração (VERBAKEL *et al.,* 2018).

A Doença

A Retinose Pigmentar pode ser dividida em duas classificações com base em sua fisiopatologia: a Retinose Pigmentar (RP) convencional, na qual os bastonetes são os fotorreceptores mais afetados (80% dos casos) e a Retinose Pigmentar incomum, onde os cones sofrem maior dano (20% dos casos). Levando em conta o conjunto de sintomas clínicos, essa doença pode ser separada em duas subclasses: a forma não sindrômica, em que a degeneração retiniana ocorre isoladamente (85% dos casos) e a forma sindrômica, em que a Retinose Pigmentar é apenas um dos diversos sintomas relacionados a síndromes específicas (15%) (SORRENTINO *et al.,* 2016).

Na RP comum, a enfermidade geralmente começa com nictalopia e perda de visão periférica, já que a retina central permanece intacta nos estágios iniciais. Fotopsia se torna mais proeminente nos estágios finais da doença. Nos casos mais avançados, a Retinose Pigmentar comum pode evoluir para cegueira total ou periférica. Em pacientes com RP incomum tardia, esses sintomas também estão presentes.

Porém, em pacientes onde os cones sofrem mais danos, há relatos de mudanças qualitativas e quantitativas na visão central, podendo progredir para a cegueira dessa área (VERBAKEL *et al.,* 2018; SORRENTINO *et al.,* 2016).

Os primeiros sintomas podem surgir durante a infância ou na fase adulta, com um avanço pouco previsível. Contudo, geralmente há uma diminuição significativa da visão quando o indivíduo atinge dos 40 aos 50 anos (SORRENTINO *et al.,* 2016). A perda do campo visual tende a ser simétrica e começa como escotomas isolados nas áreas periféricas, progredindo lentamente para anéis completos de escotomas. Ao longo do tempo, esses anéis se expandem de forma concêntrica e excêntrica, deixando apenas uma parte do campo visual central nos estágios finais da doença (VERBAKEL *et al.,* 2018; SAYO *et al.,* 2017). Há também outros tipos de perda de visão, como a perda visual concêntrica sem a formação dos anéis de escotomas e a perda visual em padrão arqueado. Fotofobia e discromatopsia são igualmente comuns, sendo essa última mais presente em estágios avançados da doença, principalmente no que diz respeito à percepção da cor azul (VERBAKEL *et al.,* 2018).

Na maioria das vezes, a Retinose Pigmentar (RP) é uma doença bilateral e simétrica, embora existam casos em que há assimetria entre os olhos. Contudo, há uma condição mais rara chamada Retinose Pigmentar Unilateral (RPU), na qual apenas um olho é afetado e o outro se mantém saudável. Desde 1865, menos de 100 casos de RPU foram documentados na literatura, o que sugere que essa condição seja responsável por cerca de 05% dos casos de RP bilateral. O diagnóstico dessa condição pode ser estabelecido através dos critérios de François e Verriest, conforme apresentado no quadro 1 (BHATTARAI *et al.,* 2015).

Quadro 1 - Critérios de François e Verriest para diagnóstico de Retinose Pigmentar.

Critérios de François e Verriest (1952)
Presença de alterações funcionais e fundoscopia típica de degeneração pigmentar primária do olho acometido
Ausência de sinais e sintomas de degeneração retiniana no olho contralateral, com eletrorretinografia normal
Causas inflamatórias, infecciosas e vasculares no olho afetado devem ser excluídas
Período de observação longo o suficiente para descartar a possibilidade de retinose pigmentar assimétrica (> 5 anos)

Fonte: Bhattarai et al. (2015).

É fundamental lembrar que, apesar de a Retinose Pigmentar Unilateral (RPU) ser uma condição específica, existem diversas outras enfermidades que podem exibir uma degeneração retiniana parecida. Entre elas estão patologias infecciosas (tais como rubéola congênita, toxoplasmose e sífilis), inflamações e neoplasias (como as retinovasculites), traumas (incluindo corpo estranho intraocular e trauma contuso) e a sensibilidade a medicamentos (como a cloroquina/hidroxicloroquina e as fenotiazinas) (STAMATE *et al.,* 2016; MERCADO *et al.,* 2018; BAWANKAR *et al.,* 2018).

No que toca às complicações oculares associadas com a RP, podemos citar o nistagmo, erros refrativos, edema cistóide macular, formação de membrana epirretiniana, buraco macular, catarata subcapsular posterior e tumores vasoproliferativos retinianos. Essas condições contribuem para a perda progressiva do campo visual durante a evolução da RP, além da degeneração dos fotorreceptores (VERBAKEL *et al.,* 2018; FUJIWARA *et al.,* 2018).

Em virtude da diminuição visual, aqueles com RP frequentemente enfrentam limitações significativas em suas atividades diárias, as quais se intensificam à medida que a doença avança. Ações cotidianas, como conduzir, cozinhar ou realizar algum tipo de atividade física, podem se tornar bastantes desafiadoras para essas pessoas. Essas limitações, por consequência, podem resultar em um declínio expressivo na qualidade de vida, levando a uma dependência de sua rede de apoio para desempenhar as tarefas diárias. Ademais, estudos indicam que o diagnóstico de RP pode estar ligado ao aparecimento de sintomas depressivos, desconforto mental e insatisfação com a vida (ANIL; GARIP, 2018).

Exames

Os traços identificadores da Retinose Pigmentar (RP) em um exame ocular incluem a presença de acúmulos de pigmento em formato de espículas ósseas na periferia da retina, geralmente associados à atrofia e/ou distrofia do epitélio pigmentar retinal. Outros indícios típicos são a atenuação dos vasos retinianos, a palidez do nervo óptico e uma mácula largamente poupada, com um anel de despigmentação perimacular (ALNAWAISEH *et al.,* 2019; SORRENTINO *et al.,* 2016;).

Nos estágios iniciais da enfermidade, a fundoscopia pode se apresentar normal, com espículas ósseas escassas ou ausentes, atenuação mínima dos vasos e disco óptico normal (VERBAKEL *et al.,* 2018). As espículas ósseas são resultado do descolamento do epitélio pigmentar retinal, causado pela degeneração dos fotorreceptores. O deslocamento desses pigmentos para áreas intrarretinianas e perivasculares culmina na formação de depósitos de melanina (ERRERA *et al.,*2019; VERBAKEL *et al.,* 2018). Todavia, nem todos os pacientes desenvolvem espículas ósseas e o grau de hiperpigmentação não necessariamente tem correspondência com a severidade da doença (VERBAKEL *et al.,* 2018).

A atenuação dos vasos retinianos, um traço usual na Retinose Pigmentar (RP), ainda é pouco compreendida. Inicialmente, pensava-se que tal atenuação estivesse conectada a uma redução no metabolismo, devido à degeneração de células ganglionares secundária à perda de fotorreceptores. Contudo, outra hipótese sugere que a queda no consumo de oxigênio pelos fotorreceptores, resultando em um estado hiperóxico da retina remanescente, leva a uma vasoconstrição e redução do fluxo sanguíneo na retina afetada (REZAEI *et al.,* 2017; VERBAKEL *et al.,* 2018; ALNAWAISEH *et al.,* 2019; LANG *et al.,* 2019).

Vale salientar que pacientes com RP, inclusive nos estágios iniciais da doença, exibem níveis altos de endotelina-1 no sangue, uma substância vasoconstritora bastante potente. Isto indica que a vasoconstrição tem uma função importante na fisiopatologia da doença. Corroborando essa noção, observou-se que as desordens vasculares na RP não estão limitadas aos olhos, mas também possuem reflexos sistêmicos. Pacientes com RP têm uma incidência maior de síndromes de desregulação vascular primárias, como pés e mãos frios, enxaquecas, hipotensão e diminuição da sensação de sede (WANG *et al.,* 2019).

Por último, a palidez do disco óptico é outro sintoma comum da RP. Este indício acontece devido à formação de células gliais na superfície e no interior do disco óptico, o que aumenta a reflexão da luz (VERBAKEL *et al.,* 2018).

METODOLOGIA

Mediante uma revisão narrativa de caráter analítico, o estudo proposto busca compreender a interação entre a retinite pigmentosa, condição médica enfrentada por Célia, e o desenvolvimento de sua mediunidade, uma manifestação de sua espiritualidade. A abordagem escolhida visa resultados qualitativos, focando nas experiências e percepções pessoais de Célia, complementadas por evidências quantitativas que possam corroborar tais observações.

Para a coleta de dados, recorreu-se à plataforma virtual PubMed e a um artigo da Escola de Medicina da George Washington University. Os critérios de inclusão considerados abrangem artigos em inglês e/ou português publicados entre 1995 e 2018, estudos que abordem a correlação entre condições médicas degenerativas e manifestações de espiritualidade, e publicações que discutam o termo “espiritualidade” e sua aplicabilidade na prática clínica.

Os descritores utilizados para a busca incluem “retinite pigmentosa and spirituality”, “vision loss and spiritual experiences”, e “medicinal conditions and spiritual manifestations”, todos selecionados após consulta ao portal Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Artigos de teor exclusivamente religioso foram excluídos para garantir uma análise secular e imparcial. No entanto, mantiveram-se publicações que abordassem experiências específicas de indivíduos com condições médicas similares à de Célia, visando ampliar o entendimento sobre a influência da espiritualidade em tais contextos.

Uma avaliação preliminar dos artigos foi realizada, considerando a autoria, ano de publicação, objetivo e método utilizado.

Aqueles que não atendiam aos critérios de inclusão foram descartados. Os artigos remanescentes foram submetidos a uma leitura mais detalhada, focando em como o termo “espiritualidade” foi abordado e no contexto em que os estudos foram realizados.

RESULTADOS / DISCUSSÃO

Primeiramente, é crucial entender o que é espiritualidade, porque uma visão incorreta pode afetar a análise e o desenvolvimento de estudos, além da prática médica. Muitas vezes, as pessoas tendem a confundir espiritualidade com religiosidade.

Embora a religiosidade esteja contida na espiritualidade, focar somente nela pode eliminar a espiritualidade de pessoas não religiosas. Pesut *et al.* (2022), se mostraram críticos ao modo como a espiritualidade é abordada hoje, alegando que carece de embasamento teológico e filosófico e simplesmente reproduz a retórica religiosa de maneira obscura e sem vantagens.

Os pesquisadores evidenciam que existe um conflito de termos e salientam que a maior qualidade da espiritualidade é sua oposição à religião, sugerindo uma crescente tendência de separação desses conceitos (PESUT *et al.,* 2022). Outros estudos também apontam que muitos acadêmicos tendem a atribuir características positivas e negativas à espiritualidade e à religião, respectivamente, além de existirem aqueles que usam os termos de forma similar. Por exemplo, Koenig (2004) enfatiza que os conceitos de espiritualidade e religiosidade foram usados de forma intercambiável, dando maior importância à religião, por haver mais compreensão sobre o que ela significa (BÜSSING *et al.,* 2013).

A espiritualidade não deve ser utilizada para afastar a religião. De fato, em um contexto prático e técnico, é necessário priorizar um conceito que beneficie todos os pacientes e a religião pode ser um meio encontrado pela pessoa para sua sintonia espiritual. No entanto, se o profissional de saúde se utiliza exclusivamente do sentido de religião, encontrará desafios para lidar com a totalidade do indivíduo não crente.

Nessa perspectiva, é notório o déficit de entendimento desse constructo e a dificuldade de aplicá-lo em pesquisas acadêmicas. Existem evidências que demonstram que as necessidades existenciais, de paz interior e doação não apresentam diferenças significativas entre céticos e não céticos. Dessa forma, restringir o sentido de espiritualidade apenas à religião e à crença em Deus excluiria um grande grupo de pessoas do cuidado espiritual (BÜSSING *et al.,* 2013).

Em contraposição a essa discussão, Paley (2009), ressalta um ponto importante sobre a desnecessária ênfase em definir religião e espiritualidade baseando-se unicamente na teologia e na filosofia. Isso ignora o fato de que outras ciências, como antropologia, psicologia, sociologia e neurologia, também abordam o ser humano.

É importante observar que a teologia não é um campo de estudo universalmente aceito por todas as religiões. Apesar dessa perspectiva de Paley (2009), é crucial considerar que profissionais de saúde não necessariamente precisam prover cuidados espirituais, uma vez que a laicidade requer a separação entre as esferas civil e religiosa. Isto é mais uma manifestação de confusão ou mal-entendido em relação aos cuidados espirituais, que não infringem a laicidade de um país, mas quando negligenciados, podem privar o paciente de bem-estar e cuidados humanizados (PALEY, 2009).

Historicamente, a medicina se concentra em resolver desordens clínicas, muitas vezes negligenciando o paciente e o quanto o corpo pode ser influenciado pela mente. A doença é um complexo que incorpora o corpo físico, fatores sociais e espirituais, de modo que o indivíduo é afetado em sua totalidade. Como resultado, o paciente pode sentir-se inseguro, ter sua personalidade perturbada pela falta de auto reconhecimento e conscientizar-se de sua vulnerabilidade (BALDACCHINO, DRAPER; 2001).

Entretanto, em uma abordagem a pacientes em salas de espera, descobriu-se que, em média, de três ou mais perguntas que desejavam fazer ao médico, apenas cerca de uma e meia eram respondidas. Infelizmente, essa realidade acarreta maior insegurança e medo, além de dificuldade em seguir a prescrição médica, devido à falta de atendimento às necessidades emocionais (BÜSSING *et al;* 2013)

Apesar da variação significativa em suas análises, Harrisonet al. (2022), identificaram que algumas das necessidades não atendidas de pacientes em tratamento contra o câncer estavam relacionadas aos domínios psicológico (12-85%), espiritual (14-51%) e de comunicação (02-57%), destacando-se o potencial impacto negativo dessa negligência no bem-estar dos pacientes (HARRISONET al., 2022).

Analisando o Quadro 02, é perceptível o quanto os profissionais de saúde perdem ao negligenciar o cuidado espiritual, como a melhora na qualidade de vida, suporte na administração da doença e reinterpretação da mesma. Tais benefícios tornariam o paciente mais preparado para o tratamento, seja através da adoção de melhores hábitos de vida ou por apresentar um equilíbrio emocional.

Quadro 2 - Benefícios da espiritualidade aplicada na atenção à saúde.

Autores	Benefícios proporcionados por meio da espiritualidade
Harrison *et al.* 2009	Apenas cita que necessidades não atendidas tendem a apresentar efeito prejudicial no bem-estar do paciente, e uma delas é a espiritualidade,
Koenig; 2004	Espiritualidade traz a capacidade de ressignificação positiva da doença e é fator de enfrentamento desta, além de trazer sentido à vida do paciente,
Pesut *et al.* 2008	Os autores não avaliam positivamente a espiritualidade, afirmando que esse conceito permite o uso de interesses econômicos e políticos,
Paley, 2009	Embora tenha defendido a conceituação secular do termo espiritualidade, o autor afirma que o cuidado espiritual não deve ser realizado por enfermeiros, para não alterar o atendimento secular ao paciente,

Autores	Benefícios proporcionados por meio da espiritualidade
Baldacchino, Draper, 2001	A espiritualidade tem a capacidade de diminuir o estresse do paciente, auxiliando em sua adaptação ao adoecimento. Além disso, pode auxiliar no bem-estar mediante um desequilíbrio do domínio físico,
Büssing *et al.* 2013	Auxilia como enfrentamento à doença, atuando na melhoria do bem-estar, apesar dos sintomas,
Puchalski, 2017	Propicia significado ao adoecimento, facilitando sua aceitação e o enfrentamento da doença. Cita a prática meditativa como melhora dos sinais vitais e a espiritualidade como contribuinte ao efeito placebo,
Goleman D, 1995	Fator de enfrentamento que auxilia na melhoria do bem-estar mesmo em meio a sintomas, além de propiciar maior prazer de vida, em comparação com pacientes com nível de significado menor, além de propiciar melhor qualidade de vida em geral,

Fonte: Carmo (2022)

No entanto, muitos profissionais de saúde desconsideram a conexão entre o emocional e o corpo físico, por vezes trivializando essa correlação. Diante disso, questiona-se se é comum à realização de investigações por meio de perguntas breves feitas àqueles que têm dificuldade em aderir ao tratamento ou que apresentam resposta ineficaz a esse, tais como: “Como é seu relacionamento com sua família? ”, “Você está preocupado com algo? ” E “O que o está afligindo? ”. Pelo que se observa, isso não é comum - considerando que apenas metade das perguntas dos pacientes é respondida (GOLEMAN, 1995).

Por isso, evidencia-se a importância de incorporar a espiritualidade à prática clínica, pois ela se relaciona com a essência do indivíduo e pode influenciar a mente, o corpo, a saúde e o comportamento. Ademais, a espiritualidade pode unir os aspectos do indivíduo e, quando trabalhada, funcionar como um mecanismo de harmonização entre eles (GOLEMAN, 1995).

O estado de equilíbrio está relacionado à compreensão do significado e do propósito da vida, contribuindo para o bem-estar físico, psíquico e social e auxiliando na resolução de problemas. Desse modo, a espiritualidade desempenha um papel significativo na compreensão da doença e do sofrimento por parte do paciente (BÜSSING *et al.,* 2013).

Para reiterar essa ideia, dado que a natureza subjetiva da dor é amplamente reconhecida pela prática médica, o grau de sofrimento pode variar entre duas pessoas que apresentam o mesmo nível de dor. A espiritualidade, então, serve como um suporte para a maneira como o indivíduo valoriza a vida e a condição médica, mesmo na presença de sintomas (BRADY MJ, PETERMAN AH, FITCHETT G, MO M, CELLA D. A, 1999).

A dimensão espiritual pode ser a chave para o alívio de muitas doenças consideradas incuráveis. Por meio da espiritualidade, o paciente pode se sentir mais confortável em aceitar sua condição atual e, consequentemente, sua qualidade de vida tende a melhorar. No estudo conduzido por Puchalski (2004), 93% das 108 mulheres participantes responderam que suas crenças espirituais as ajudaram a suportar a realidade do câncer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 9

Fonte: elaborado pelo autor (2023)

A jornada de Célia, como retratada no livro "Célia é quem não viu", oferece uma perspectiva única sobre a intersecção entre adversidades físicas e despertar espiritual. Através da análise de sua experiência e da revisão narrativa realizada, fica evidente que a condição médica de Célia, a retinite pigmentosa, não foi apenas uma adversidade em sua vida, mas também uma porta para uma compreensão mais profunda de si mesma e do mundo ao seu redor.

A literatura consultada, que abrange estudos sobre a correlação entre condições médicas degenerativas e manifestações de espiritualidade, reforça a ideia de que, em muitos casos, adversidades físicas podem servir como catalisadores para um crescimento espiritual e emocional profundo. A mediunidade de Célia, em particular, destaca-se como uma manifestação tangível dessa interação entre o físico e o espiritual.

A exclusão de artigos de teor exclusivamente religioso da análise garantiu uma perspectiva secular e imparcial, permitindo uma compreensão mais abrangente e menos tendenciosa da experiência de Célia. A revisão também revelou que, embora a espiritualidade seja frequentemente associada a práticas e crenças religiosas, ela também pode ser entendida e vivenciada fora desse contexto, como uma conexão profunda com o próprio ser, com os outros e com o universo.

Portanto, a história de Célia serve como um lembrete poderoso de que a experiência humana é multifacetada e que as adversidades, por mais desafiadoras que sejam, podem abrir caminhos para descobertas e compreensões inesperadas. A capacidade de Célia de encontrar luz em meio à escuridão de sua condição médica é uma inspiração para

todos, mostrando que a verdadeira visão vai além da capacidade física de ver e reside na capacidade de perceber, compreender e se conectar com o mundo de maneiras profundas e significativas.

REFERÊNCIAS

ALNAWAISEH, M.; SCHUBERT, F.; HEIDUSCHKA, P.; ETER, N. The Influence and the Mechanism of Action of Proinflammatory Cytokines in the Retina and the Choroid. Mediators of inflammation, v. 2019, p. 4170524, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1097/IAE.0000000000000190. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

ANIL K, Garip A. Cognitive impairment, depression, and co-morbidity in older people with retinitis pigmentosa. Journal of Current Ophthalmology, v. 30, n. 04, p. 334–340, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1186/s12886-018-0689-2. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

BAI, M.; LAZENBY, M.; JEON, S.; DIXON, J.; MCCORKLE, R. Exploring the relationship between spiritual well-being and quality of life among patients newly diagnosed with advanced cancer. Palliat Support Care, v.13, n. 04, p. 927-935, 2015. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24992001/. Acesso em 22 de agosto de 2023.

BAWANKAR, P.; DAS, V.S.; BHALEKAR, S. Unilateral retinitis pigmentosa: case report. Journal of clinical and diagnostic research, v. 12, n. 07, p. ND01-ND02, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jcjo.2017.08.007. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

BHATTARAI, D.; GOVETTO, A.; ROH, M. *et al.* Unilateral retinitis pigmentosa: a proposal of genetic pathogenic mechanisms. European Journal of Ophthalmology, v. 25, n. 01, p. 64–70, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.3126/nepjoph.v7i1.13171. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

BRADY, M. J.; PETERMAN, A. H.; FITCHETT, G.; MO, M.; CELLA, D. A case for including spirituality in quality of life measurement in oncology. Psychooncology, v. 08, n. 05, p. 417-428, 1999. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/10559801/. Acesso em 22 de agosto de 2023.

BÜSSING, A.; JANKO, A.; BAUMANN, K; HVIDT, N. C.; KOPF, A. Spiritual needs among patients with chronic pain diseases and cancer living in a secular society. Pain Med, v. 14, n. 09, p. 1362-1373, 2013. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/23870113/. Acesso em 22 de agosto de 2023.

COHEN, R.; BAVISHI, C.; ROZANSKI, A. Purpose in life and its relationship to all-cause mortality and cardiovascular events: a meta-analysis. Psychosom Med, v.78, n. 02, p. 122-133, 2016. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26630073/. Acesso em 22 de agosto de 2023.

DAVID, Ricardo Santos. Célia é Quem Não Viu. 01.ed. São Paulo, SP: Dialética Literária, 2023

ERRERA, M. H.; KOHLY, R.P.; DA CRUZ, L. Pregnancy and retinitis pigmentosa: a case series. European Journal of Ophthalmology, v. 29, n. 05, p. NP5-NP8, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1111/aos.13981. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

FUJIWARA, K.; IKEDA, Y.; MURAKAMI, Y.; *et al.* Effect of vitreous surgery and bevacizumab on macular edema associated with retinitis pigmentosa. Clinical Ophthalmology, v. 12, p. 479–485, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41598-018-26231-9. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

GOLEMAN, D. Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. 02. ed. São Paulo: Objetiva, 1995.

HARRISON, J. D.; YOUNG, J. M.; PRICE, M. A.; BUTOW, P. N.; SOLOMON, M. J. What are the unmet supportive care needs of people with cancer? A systematic review. Support Care Cancer, v.17, n. 08, p. 1117-1128, 2009. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19319577/. Acesso em 22 de agosto de 2023.

LANG, M.; WATSON, C. J. N.; MARSHALL, J. A review of the evidence that ultra-violet light has a photo-oxidative impact in the human retina. Documenta Ophthalmologica, v. 138, n. 03, p. 203–210, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1111/aos.14138. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

LIEW, G.; MICHAELIDES, M.; BUNCE, C. A comparison of the causes of blindness certifications in England and Wales in working age adults (16-64 years), 1999-2000 with 2009-2010. BMJ open, v. 04, n. 02, p. e004015, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1080/09286586.2017.1383448. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

MERCADO, M.; VAGEFI, R.M.; RAO, N.A. Unilateral retinitis pigmentosa sine pigmento. Saudi journal of ophthalmology, v. 32, n. 04, p. 354-358, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.jaapos.2018.08.003. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

NAKAGAWA, S. *et al.* Mutations in genes encoding retinal proteins cause autosomal dominant retinitis pigmentosa with variable expressivity. Graefe's Archive for Clinical and Experimental Ophthalmology, v. 254, n. 02, p. 345-352, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1097/IAE.0000000000000904. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

PALEY, J. Religion and the secularisation of health care. J Clin Nurs, v.18, n. 14, p. 1963-1974, 2009. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/19638056/. Acesso em 22 de agosto de 2023.

PESUT, B.; FOWLER, M.; TAYLOR, E. J.; REIMER-KIRKHAM, S.; SAWATZKY, R. Conceptualising spirituality and religion for healthcare. J Clin Nurs, v.17, n. 21, p. 2803-2810, 2008. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/18665876/. Acesso em 22 de agosto de 2023.

PUCHALSKI, C. M. The spiritual dimension: the healing force for body and mind. Cons-Ciências, v.02, p.173-195, 2004. Disponível em: https://core.ac.uk/download/pdf/61006527.pdf. Acesso em 22 de agosto de 2023.

REZAEI, K.A.; ZHANG, Q.; CHEN, C. L.; CHAO, J.; WANG, R. K. Retinal and choroidal vascular features in patients with retinitis pigmentosa imaged by OCT based microangiography. Graefe's Archive for Clinical and Experimental Ophthalmology, v. 255, n. 07, p. 1287–1295, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1007/s00417-017-3633-x. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

SAYO, A. *et al.* Clinical features of genetic heterogeneity in patients with autosomal dominant retinitis pigmentosa. Japanese Journal of Ophthalmology, v. 41, n. 05, p. 518-522, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1038/s41598-017-16640-7. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

SORRENTINO, F.S.; GALLENGA, C.E.; BONIFAZZI, C.; PERRI, P. A challenge to the striking genotypic heterogeneity of retinitis pigmentosa: A better understanding of the pathophysiology using the newest genetic strategies. Eye, v. 30, n. 12, p. 1542–1548, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1038/eye.2016.197. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

STAMATE, A.C.; AVRAM, R.; POP, I.M.; GHERMAN, A.; BALTA, F. Unilateral retinitis pigmentosa: a clinical case report. Romanian journal of ophthalmology, v. 60, n. 02, p. 119-122, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.4103/ijo.IJO_978_16. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

VERBAKEL, S.K. *et al.* Non-syndromic retinitis pigmentosa. Progress in Retinal and Eye Research, v. 66, p. 157-186, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.preteyeres.2018.03.005. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

WANG, H.; SUN, X.; CHEN, S.; *et al.* An abnormal peripapillary vascular network detected by OCT angiography in the fellow eyes with unilateral retinitis pigmentosa. Graefe's Archive for Clinical and Experimental Ophthalmology, v. 257, n. 05, p. 941–948, 2019. Disponível em: https://doi.org/10.1111/aos.14047. Acesso em: 22 de agosto de 2023.

ANEXO

Texto: "Célia é quem não viu"

Célia Almeida Pereira Guadalupe Ramos, uma menina brasileira, realizou uma lista de desejos do que quer fazer antes de ficar cega, já que ela é portadora de uma doença degenerativa, sem cura, que em breve não lhe permitirá mais enxergar. Os médicos diagnosticaram que Célia tem retinite pigmentosa, uma doença genética que leva à cegueira.

Os pais da menina, que moram com ela em São Paulo, Capital, lançaram uma campanha, vaquinha, para recolher fundos e assim poder ajudar a filha a realizar seus desejos. O primeiro desejo da lista é visitar vários museus de História, Célia adora História, tudo que a professora Jacqueline Oliveira Pimentel Guimarães conta na escola Célia tem uma grande admiração e acha professora uma estrela e apaixonante, sonho mais caro, pediu para papai Carlos Salvador Soares e mamãe Magali, já o mais caro é uma viagem para a Austrália. Outros, conhecer os principais patrimônios históricos do Brasil e do mundo. Célia, a menina que enxergava com o coração. Existem coisas que são invisíveis aos olhos, portanto, mesmo que tenhamos olhos saudáveis, se não tivermos o coração puro, não conseguiremos enxergar. Este livro conta a história de uma menina cega, mas que via coisas que milhares de olhos jamais conseguiram ver, portanto, te convido para mergulhar nesta nova história, recheada de amor e muita sensibilidade. A menina na janela, Célia é quem não viu, Célia na janela, via a vida passar como quem assistia a uma novela. Nada lhe escapava aos olhos curiosos e atentos de uma menina que sabia que um dia ficaria cega, com a ajuda da melhor amiga Manu Almeida Mendes Silva, sabia quem era namorante de quem, sabia quem era ficante de quem, quem era casado com quem, quem era amante de quem e de quem dependia a felicidade de quem. Enxergava o mundo com os olhos curiosos e com a alma cega. Pois, na existência em que vivia, deixava de experienciar sua própria história, acreditando que o mocinho da sua novela um dia viria lhe salvar da sua sina tão cruel que só podia ter sido roteirizado por algum autor amargurado sem um pingo de empatia. Tinha certeza que um dia as mentiras seriam reveladas, os vilões desmascarados e, finalmente, os personagens que tanto espiava teriam o seu devido destino traçado, e ela sairia da sua masmorra: a janela. Mas, sendo o tempo um carcereiro tão eficaz e impiedoso, acabou por transformar a menina, que um dia fora feita de inocência, em uma menina que continuava debruçada à beira da janela, sonhando em viver a vida das novelas. Ou seja, prosseguiu

com seus desatinos sem se afastar do quadrado do qual via o mundo e, no decorrer dos anos, tudo o que lhe restou era lamentar suas dores e seus possíveis amores não vividos. Aprendeu a devorar a solidão com um apetite voraz e a transformou em sua amiga mais íntima. O vazio que podia haver dentro dela era preenchido por amargura, rancor, inveja, ressentimento e desamor. Ah, como aquilo tudo alimentava a sua alma. Nesse algoritmo de sentimentos, produzia-se em seu íntimo um eco que gritava e exasperava por liberdade e foi assim como ela chegou à meia idade.

Na adolescência agora se apoiava sobre os braços cansados, sentindo o peso dos anos e os efeitos do tempo carrasco. Ela não se reconhecia mais. Isso a fez desistir de ser a protagonista do seu próprio enredo. Já julgava não haver mais tempo para ela. Agora, olhar vazio e cansado continuava naquela mesma janela que, mesmo sempre aberta, a trancafiou. Célia sabia que deveria ter pulado para o lado de fora e ido em busca da tal idealizada felicidade. Que deveria ter experimentado a vida com o direito de sentir cada sentimento da fragilidade humana composta de amor, alegria, tristeza e dor, pois só assim poderia ter sido a mocinha da sua própria história. No entanto, tudo o que de fato fez foi assistir à vida passar, sonhando, fofocando e amaldiçoando a tudo e a todos de dentro da prisão que ela mesma construíra. Seu destino traçado foi nunca ter vivido a cena em que corria feliz pela praia de mãos dadas com o mocinho do seu folhetim. Ela se contentou em encerrar a sua vida, antes de ficar totalmente cega, dizendo a última palavra que encerraria o seu roteiro: Fim.

Organizador

Adriano Mesquita Soares

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR/PG, linha pesquisa em Gestão do Conhecimento e Inovação e Grupo de pesquisa em Gestão da Transferência de Tecnologia (GTT). Possui MBA em Gestão Financeira e Controladoria pelo Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais onde se graduou em Administração de Empresas (2008). É professor no ensino superior, ministrando aulas no curso de Administração da Faculdade Sagrada Família – FASF. É editor chefe na AYA Editora.

Índice Remissivo

A

C

D

E

I

L

M

N

P

R

S

T